

# PROJETO EDUCAÇÃO INTEGRAL E REDES SOLIDÁRIAS DE ALIMENTAÇÃO

## CADERNO DE ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA PARA EDUCADORAS OFICINA II

*“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”...*

*Paulo Freire*



*Arte e Cultura  
2017*

# SUMÁRIO

Apresentação, 03

Considerações sobre o material pedagógico, 04

Oficina II: Objetivos e Temas/Conteúdos, 06

- Eixo Temático: Trabalho, Cultura e Gênero, 07
- Eixo Temático: Segurança Alimentar – produção e consumo, 25
- Eixo Temático: Economia Solidária e Organização Coletiva, 56



## Apresentação

Este material constitui-se no referencial metodológico para o desenvolvimento da **2ª Oficina** com as agricultoras. Traz subsídios para o planejamento pedagógico visando contribuir na mediação entre os conhecimentos trazidos pelas educandas e os conhecimentos historicamente acumulados. Busca fomentar reflexões coletivas para que tanto as educandas como também as educadoras possam ter um olhar crítico sobre suas práticas sociais a partir da apropriação de novos conhecimentos.

A relação pedagógica deve permitir o diálogo entre as múltiplas dimensões das participantes: política, cultural, histórica e social, contrapondo-se à visão fragmentada do conhecimento que dificulta a compreensão da relação entre os fenômenos da vida cotidiana (família, trabalho, comunidade etc.) e a totalidade do processo histórico. Isto é, pretendemos que o processo educativo possibilite às trabalhadoras rurais desenvolver a capacidade de análise crítica das realidades em que estão inseridas.

É importante destacar que estamos atuando com trabalhadoras jovens e adultas que trazem diversos saberes e experiências (estudo, trabalho, participação na comunidade, no sindicato etc.), que demandam estratégias pedagógicas diferenciadas para incorporar estes conhecimentos acumulados nas trajetórias de vida ao nosso Percurso Formativo.

As formulações aqui apresentadas são resultados dos acúmulos teórico-metodológicos da Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha – ETHCI balizadas no seu projeto político pedagógico de Educação Integral d@s Trabalhador@s. Ressaltamos que não se trata de um material acabado, mas um referencial para contribuir com um processo permanente e sistemático de construção de saberes que se insere no desafio de elaboração da classe trabalhadora de uma proposta de educação integral, omnilateral e emancipadora.

Por fim, enfatizamos a importância do papel da equipe de educadoras no processo ensino-aprendizagem. É a partir da abertura, da sensibilidade e do compromisso de cada uma que de fato construiremos uma nova educação.

**BOM TRABALHO A TODAS!**

ROSANA MIYASHIRO E ALINE MARIA SALAMI

**COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**



## CONSIDERAÇÕES SOBRE O MATERIAL PEDAGÓGICO

Neste material buscamos dialogar com o **Caderno de Apoio Pedagógico – Oficina II das Educandas**. Constitui-se num aporte básico para as abordagens pedagógicas (debates e estudos) envolvendo diferentes linguagens (textos, vídeos, música, poesia etc.) relacionando aos três Eixos Temáticos do projeto: **1) Trabalho, Gênero e Cultura; 2) Segurança Alimentar: produção e consumo e; 3) Economia Solidária e Organização Coletiva** que compõem o Percorso Formativo da Oficina II.

As elaborações e propostas aqui apresentadas buscam focalizar os temas e referenciais teóricos do projeto político-pedagógico da Escola a fim de contribuir para a exploração dos materiais disponíveis. Além disso, contam com algumas sugestões de desenvolvimento metodológico para potencializar o processo de ensino-aprendizagem na ampliação do grau de letramento das educandas.

Dessa forma, a utilização dos textos deverá ser definida mediante o planejamento de cada momento pedagógico com estratégias pedagógicas para que todas possam se apropriar dos temas e conteúdos e participar efetivamente das discussões.

A SÍNTESE dos trabalhos é fundamental para a tomada de consciência da construção coletiva de novos conhecimentos em cada momento. Possibilita um registro qualitativo para a **sistematização**, pois expressa a realidade de cada grupo no tocante aos temas, conceitos e categorias tratados e apropriados. A síntese também se converte num instrumento de **avaliação** na medida em que possibilita analisar o alcance da proposta pedagógica e apropriação individual e coletiva de novos conhecimentos durante o processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, este material se constitui numa referência básica para cada educadora e visa possibilitar uma visualização mais global da proposta de Educação Integral. Trata-se de um material que oferece aportes básicos para o trabalho conceitual e das categorias-chaves do projeto político pedagógico.

Alertamos, ainda, que este material não pode ser entendido como um *"receituário"* acabado e com uma sequência linear. Cada educadora deve tomá-lo como subsídio para criar diferentes maneiras de seu desenvolvimento, sempre mediado pelo saber acumulado das educandas e da realidade de cada grupo em relação aos sentidos das temáticas e aos graus de letramento, que envolvem diferentes trajetórias formativas, faixas etárias e experiências de vida. Ao propor atividades, ressaltamos algumas orientações básicas como, por exemplo, **a identificação do grau de letramento inicial e dos temas de maior interesse do grupo**. Isto é, ao lidarmos com essa diversidade certamente nos depararemos com uma série de dificuldades na leitura de textos mais densos, o que não significa que iremos eliminá-los. É preciso construir estratégias pedagógicas que possibilitem a apropriação progressiva de novos conhecimentos, desafiando cada educanda a indagar sobre os temas e estimulando-as a prosseguir os estudos. Portanto, não podemos infantilizar as abordagens, tampouco negar



o acesso a diversas fontes de informações e a diferentes modalidades textuais, imprescindíveis para a superação do senso comum e ampliação de categorias para uma leitura crítica do mundo.

A partir dessas preocupações sugerimos que sejam incluídos materiais complementares e dinâmicas que melhor dialoguem com o grupo a fim de mediar com os diferentes graus de dificuldade na leitura de textos mais complexos. Porém, é necessário escolher tais materiais buscando coerência com os referenciais teóricos que balizam a Educação Integral e que possam potencializar os processos de ensino-aprendizagem para uma abordagem integrada dos conhecimentos, de acordo com o ritmo e a relevância dos temas/conteúdos para o grupo.

Embora tenhamos organizado três Eixos Temáticos para fins de organização curricular das oficinas, ressaltamos que na proposta da Educação Integral tais eixos sempre deverão estar integrados/relacionados, isto é, não sendo trabalhados de forma estanque já que os vários conteúdos se articulam. Portanto, o Caderno de Apoio Pedagógico das Educandas pode planejado para um trabalho diferenciado com cada turma.

Nossa expectativa é que esse material seja tomado como ponto de partida para inspirar a criação de possibilidades de abordagens pedagógicas sem se restringir a uma uniformização das práticas educativas. Conforme aponta nosso projeto político pedagógico, tanto educandas como educadoras trazem os conhecimentos acumulados adquiridos em suas trajetórias de vida (trabalho, educação, participação coletiva) e tais conhecimentos devem retroalimentar nosso projeto de educação emancipadora da classe trabalhadora.



# PROJETO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL D@S TRABALHADOR@S E AS REDES SOLIDÁRIAS DE ALIMENTAÇÃO NA REGIÃO DO CANTUQUIRIGUAÇU E PARANÁ CENTRO.

## 2ª. OFICINA


### OBJETIVOS:

- Promover o debate sobre as políticas públicas para a agricultura familiar e instrumentalizar as participantes para a operacionalização do Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE ;
- Discutir o papel das mulheres no controle social das políticas públicas.

### TEMAS/CONTEÚDOS

- Procedimentos básicos para acesso e operacionalização o PNAE (legislação, chamada pública e documentação);
- Noções sobre cardápios saudáveis e sustentáveis (boas práticas de fabricação: processamento e entrega de produtos);
- Experiências em empreendimentos populares e a perspectiva das Redes Solidárias de Alimentação;
- Espaços públicos de controle social das políticas públicas e a organização coletiva das mulheres.





# Trabalho, Gênero e Cultura



## TRABALHO, GÊNERO E CULTURA

O eixo temático *TRABALHO, GÊNERO E CULTURA* envolve os estudos e as reflexões acerca das questões de gênero em nossa sociedade. Numa perspectiva histórica, buscamos apreender como foram sendo construídos socialmente os papéis masculinos e femininos.

A categoria Trabalho é base de nossa abordagem integral dos conhecimentos assentada na realidade concreta. Destacamos duas dimensões importantes do Trabalho: a ontológica e a histórica. A dimensão ontológica diz respeito ao trabalho como processo de mediação entre o ser humano genérico e a natureza para a produção da existência, processo esse que o diferencia dos outros animais (Marx). Trata-se de uma ação intencional que conforma a base objetiva na qual mulheres e homens produzem e reproduzem suas vidas. É a partir desse pressuposto que compreendemos a cultura. Isto é, tomamos o trabalho como fundante da práxis humana que constitui as múltiplas formas de sociabilidade dos seres sociais (normas, valores, processos de comunicação / linguagens / representações, cooperação, divisão do trabalho, etc.).

A dimensão histórica do trabalho refere-se ao trabalho do modo de produção capitalista, que é marcado pela transformação da força de trabalho em mercadoria. A exploração do trabalho então é voltada à acumulação e ao lucro capitalista e não às necessidades de produção de existência da sociedade. A partir da tensão dessa dupla dimensão do trabalho (ontológica e histórica) é que abordamos os aspectos culturais, políticos, sociais e econômicos produzidos em nossa sociedade para promover, numa perspectiva crítica, a problematização das relações sociais de gênero construídas historicamente.

Ao tomar o Trabalho como princípio educativo, a proposta formativa pressupõe a investigação da realidade, a sistematização e a socialização de saberes de cada participante como fonte de análise de seus aspectos contraditórios para uma nova reflexão coletiva sobre a possibilidade humana (liberdade) de transformação do real em contraposição à ideia fatalista e naturalizadora das relações sociais de opressão e exploração.

Dessa forma, o presente caderno busca subsidiar a 2ª. Oficina, em continuidade às reflexões e debates iniciados na 1ª. Oficina, tendo como objetivos problematizar as visões disseminadas sobre as mulheres veiculadas pelos meios de comunicação de massa bem como discutir as questões relativas à valorização social do trabalho feminino em nossa sociedade.

### **Materiais a serem abordados:**

- Materiais de publicidade.
- Tiras e Vídeo Mafalda.
- Relações sociais de gênero: igualdade e equidade.
- A “tripla jornada” das mulheres na produção familiar rural.





### Desenvolvimento metodológico 1:

Para iniciar o trabalho pedagógico nesse Eixo Temático, sugerimos que o mesmo seja potencializado a partir da socialização dos resultados das tarefas solicitadas na 1ª. oficina referentes às pesquisas sobre como a mulher é retratada na mídia.

Vale ressaltar que para a maioria das mulheres retratadas em filmes e na ficção televisiva, o trabalho raramente é uma escolha, exceto quando se trata de profissões tradicionalmente vistas como femininas, consolidadas no imaginário social. Mulheres que garantem seu próprio sustento e são bem-sucedidas em profissões consideradas “masculinas”, tendem a ser caracterizadas como frias, insensíveis e incapazes de amar.

Esse tema é bastante delicado de ser tratado, tendo em vista que somos bombardeados frequentemente por visões que reafirmam a naturalização das desigualdades entre homens e mulheres e nem nos damos conta que muitas vezes as reproduzimos em nosso cotidiano. Dessa forma, por meio de um trabalho de **leitura das imagens** dos materiais publicitários constantes **na atividade 1** podemos provocar algumas reflexões.

Provavelmente os produtos apresentados (explícita ou implicitamente) são de conhecimento público, mas seria interessante fazer um levantamento prévio olhando as imagens para a identificação de cada um dos três produtos. Para a descontração do grupo e estímulo às falas públicas, após essa identificação inicial, poderia ser feita uma rodada livre de opiniões e das ideias que vem a cabeça de cada participante quando pensamos em cada um dos três produtos. Por exemplo, quando pensamos em sabão em pó relacionamos a que situação?

Após esse aquecimento, pode-se organizar os grupos de trabalho para análise das imagens a partir das orientações de observação da atividade 1.

É importante que cada educadora explore/problematize os seguintes aspectos das imagens:

- Há um padrão estético disseminado que pouco tem a ver com as “mulheres comuns”. Produz-se assim um padrão de beleza – mulher branca, sem sobrepeso, com corpos “esculturais”/malhados, etc. Por meio dessas veiculações consolida-se um padrão de beleza e do “feminino”, que geralmente exclui as classes populares;
- Nas três imagens não são contempladas a nossa diversidade étnico-racial. Nas poucas vezes em que as mulheres negras aparecem nos meios de



comunicação, são veiculadas visões a partir do olhar hegemônico das classes dominantes. Conforme constata pesquisa analisando algumas publicações:

*“a mídia objetifica a mulher ao colocá-la dentro da perspectiva de objeto de consumo, daí a sua forte presença imagética nos meios de comunicação como participante de um pacote de venda de sonhos. As publicações masculinas, principalmente aquelas de viés erótico, trabalham nesta perspectiva. (...) No caso da mulher negra, há uma radicalização da sua objetificação. Nas poucas vezes em que modelos negras posam para a revista Playboy é ressaltada o caráter de puro objeto sexual, acima inclusive das suas qualidades profissionais. No caso das mulheres brancas, o discurso da Playboy inverte: a nudez das mulheres vai no sentido de revelar uma face oculta de uma mulher que se estabeleceu como celebridade por atributos outros (em geral como atriz de telenovela da Globo). No caso da mulher negra, o fato de ela ser atriz aparece como um plus, de uma cereja no bolo, pois o que se ressalta nela é o fato de ser mulher “gostosa”, resgatando a ideia da mulata”. (Caros Amigos, ano XV, nº 175 / 2011);*

### **Análise das imagens**

- **Na imagem 1** é marcante a presença da mulher como objeto sexual tendo em vista que se trata de uma publicidade de diferentes marcas de cerveja, produto esse que remete ao lazer e à diversão. Todas as seis mulheres retradas aparecem em trajes e posições sensuais. Em uma das imagens a mulher e a própria marca da cerveja, cuja marca aparece inscrita no corpo da mulher. Salienta-se determinadas partes dos corpos das protagonistas das imagens como os seios e as nádegas. O grande nó concentra-se no fato da mulher ser considerada objeto sexual, um ente vulgar, à disposição das fantasias masculinas, sem fala própria e sem opinião. Divulga-se em toda a mídia, uma mulher usável e descartável, fragmentada em partes específicas do corpo, as quais parecem ter vida própria. Propaga-se o sexo pelo sexo, sem carinho, sem afeto. Deturpa-se, assim, a própria sexualidade feminina.

- **Na imagem 2** temos como produto uma marca de sabão em pó que remete a uma idealização da mulher-mãe. O perfil da mulher que aparece na imagem é de classe média no meio urbano, como podemos observar pelo ambiente em que ela se encontra, nas suas vestimentas e do padrão de consumo sugeridos pela imagem. A própria posição corporal da mulher enfatiza o afeto e dedicação de mãe. O filho, menino vestido de super-herói aparece no colo da mãe num plano acima da imagem da mãe, dando a ideia de superioridade e da submissão da mãe aos seus cuidados. Reforça-se dessa maneira, a visão hegemônica do lugar da mulher no espaço da reprodução (espaço doméstico) para uma vida feliz.

- **Na imagem 3** temos a publicidade de um produto de beleza, provavelmente de xampu e condicionador de cabelos (embora não esteja explícita a marca).



Aparece uma modelo famosa, reforçando um ideário de beleza a ser perseguido por todas as mulheres, embora esse modelo seja inalcançável. Nessa imagem, diferentemente da imagem 1, as partes do corpo salientadas são o rosto e os cabelos, não enfatizando o apelo sexual da imagem 1, mas reforçando um outro tipo de sensualidade marcado pela ideia de perfeição, pureza e leveza da mulher. Passa-se a ideia do cuidado com a aparência tão cobrada das mulheres e reforça-se a valorização da mulher branca, loira, de cabelos longos e lisos, estimulando-se o culto a “beleza” fundada na estética ditada pela mídia.

Seria interessante mediar com o conteúdo constante no documentário “A criança a alma do negócio” (31:59) no trecho em que se discute as propagandas de cerveja. Nesse caso, aparecem depoimentos de adolescentes / jovens das classes populares que mostram a introjeção das mensagens de peças publicitárias e tomam como um modelo para si a ser perseguido. Uma delas refere-se à Juliana Paes num comercial de cerveja como objeto de inveja já que, para ela, as mulheres têm que ser bonitas, “com um corpão” e estar à disposição dos homens.

A partir dos elementos levantados pelos grupos e enriquecidos pela mediação da educadora, pode-se refletir posteriormente sobre as lutas que as mulheres ainda têm pela frente para a conquista de direitos. Compreender e problematizar as estratégias ideológicas de reprodução social das desigualdades de gênero e da dominação de classe veiculadas pela mídia faz parte de uma mudança cultural fundamental para a emancipação das mulheres.

## ATIVIDADE 1



O modo como as mulheres são representadas na mídia, na maioria das vezes, reproduz o modo como elas são vistas e percebidas hegemonicamente na sociedade. Ou seja, são retratadas de forma idealizada: jovem, magra, linda, “feminina”, submissa e delicada. Nos comerciais e em publicidade de produtos, geralmente as mulheres são tratadas como objeto sexual, como esposa ou mãe também de forma estereotipada.

Todas essas mensagens que recebemos diariamente, principalmente através da televisão (sejam em comerciais, programas de entretenimento, telenovelas, telejornais,



etc.) acabam por influenciar nossas visões sobre o mundo que nos cerca e sobre os papéis de cada um na sociedade, sem mesmo nos darmos conta disso.

Por essa razão, é fundamental que paremos um momento para refletir sobre como os meios de comunicação de massa tratam dos assuntos e que interesses representam. Provavelmente, na pesquisa indicada na Oficina I, sobre como a mulher aparece na mídia nos dias atuais, tais elementos apontados devem estar presentes. Será que conseguimos identificá-los?

Um exercício interessante seria montar um painel com os materiais coletados nas pesquisas realizadas. Após as apresentações das razões da escolha e uma breve análise do material escolhido, poderia ser feito um trabalho de análise de imagens.

### **Trabalho de Análise de Imagens**

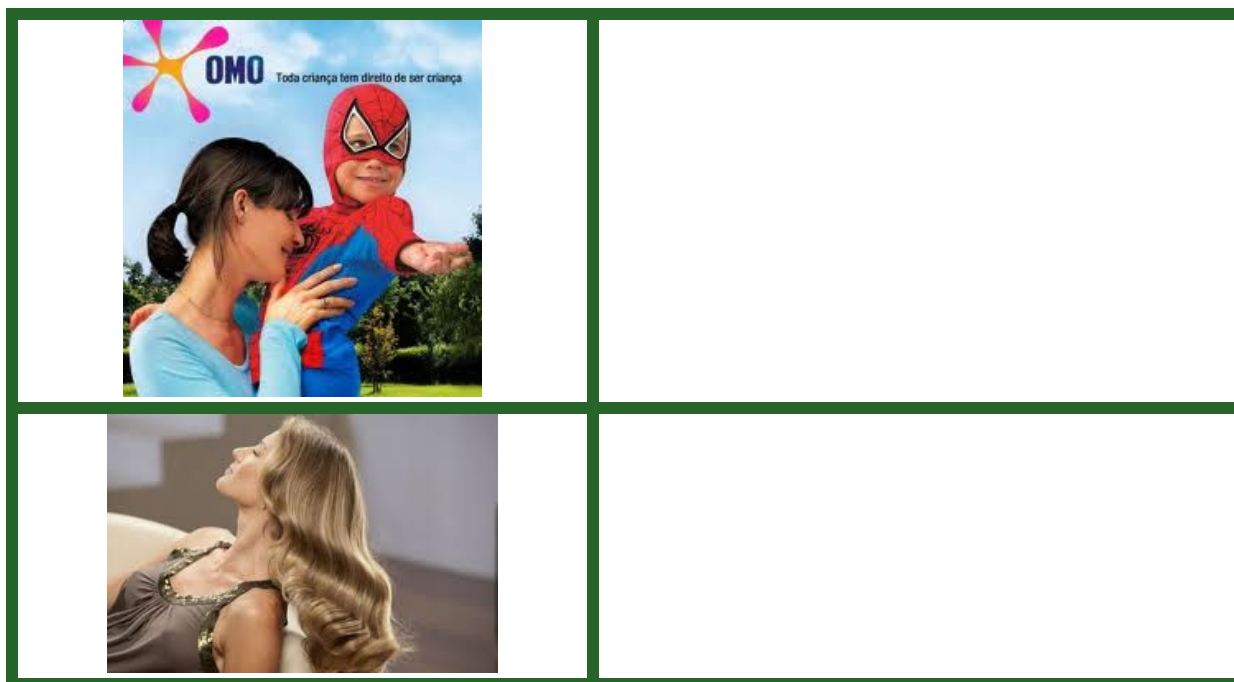
Com a turma dividida em pequenos grupos, observar as imagens para a análise coletiva sobre as visões que aparecem sobre a mulher a partir das publicidades abaixo.

Seguem algumas orientações para a observação das imagens:

- Quais as características das mulheres (idade, padrões estéticos, raça/etnia etc.)?
- Em quais locais elas aparecem?
- Como estão vestidas?
- O que mais chama a atenção no conjunto da imagem?

Publicidade	Quais ideias nos remetem





### Desenvolvimento metodológico 2:

Para dar continuidade a leitura crítica das imagens, a **Atividade 2** pode ser um momento interessante para verificarmos a apropriação dos temas e conteúdos a partir das visões de mundo que serão apresentadas no trabalho de elaboração.

Nessa atividade, temos como protagonista das duas tiras, a personagem Mafalda que foi criada pelo argentino Quino nos anos 60. Sua popularidade foi enorme devido tanto à criatividade e humor do artista, mas principalmente por representar inquietações e questionamentos sobre o mundo, o senso comum e também sobre os nossos valores nas questões de gênero, visto do ponto de vista de uma criança atenta e curiosa.

Tanto nas tiras como no vídeo, é instigante ver que Mafalda - uma personagem feminina - questiona a condição das mulheres.

Nas tiras selecionadas, destaca-se a sua amiga Susanita, uma menina que é o oposto de Mafalda. Ela representa exatamente o que a sociedade patriarcal espera das mulheres: que sejam obedientes e se preocupem apenas com a casa, os filhos, o marido e a beleza. Porém, Susanita representa também muito do senso comum.

Já o vídeo (0:50'), retrata a mãe da Mafalda atarefada com seus afazeres domésticos cotidianos. Em determinado momento, Mafalda após observar a realidade de sua mãe, questiona: - Mamãe, o que você gostaria de fazer se você vivesse?



Sendo assim, de uma maneira humorada, Mafalda representa a crítica à alienação da sociedade e a condição das mulheres.

Essas produções podem inspirar o desenvolvimento da atividade 2 onde poderia ser estimulada a contação ou criação de histórias por meio de ilustrações. Seria importante definir coletivamente um tema. Não é preciso ter grandes habilidades de desenho para realizar essa atividade, já que o importante é cada participante expresse suas ideias com humor e criatividade para verificarmos os aspectos críticos e/ou reflexivos que aparecerem por meio das representações elaboradas. Portanto, pode-se recorrer a várias técnicas para a execução da atividade como recortes de revistas para montagem de uma história em quadrinhos, criação de história por meio da elaboração de desenhos à mão livre, ilustração de uma poesia ou músicas interpretando ou satirizando seus conteúdos etc.

Os resultados dessa atividade são importantes para a sistematização de nosso projeto. Portanto, pode-se organizar um caderno com todos os trabalhos elaborados.

## ATIVIDADE 2: Trabalho em grupos



Com base no nosso acúmulo até agora sobre a questão de gênero (leituras de textos, dinâmicas, leitura de imagens e vídeos etc.) poderíamos a partir das tiras e do vídeo da Mafalda, produzirmos também algumas histórias em quadrinhos ou charges (desenhos) ou mesmo propagandas que expressem a nossa visão sobre a condição das mulheres.





## Assistir ao vídeo: Mafalda

### Momento de Síntese:

- \* Socializar os trabalhos elaborados, sistematizando os principais elementos acerca das representações das mulheres na mídia e na sociedade.

Para subsidiar a abordagem temática, segue entrevista abaixo.

### Entrevista *A mídia e a mulher*

Por Rosângela Gil, de Santos, março de 2005 (Boletim Núcleo Piratininga de Comunicação)

#### Boletim NPC - Qual é o olhar da mídia para as mulheres?

Olgária Matos - O olhar da mídia para as mulheres é o olhar da mídia feito “para” as mulheres. Não é “para as mulheres” no sentido que elas são ativas na constituição da sua imagem pública, cuja emissão será derivada das várias mídias, predominantemente pela mídia televisiva. Esse olhar que é



produzido para as mulheres, e não pelas mulheres, ele se dirige ao olhar masculino, em primeiro lugar, mas é um olhar masculino também ele coisificado.

O que eu entendo por coisificado: significa que você tem estereótipos criados sobre o feminino, e no caso sobre a mulher, e o olhar também já está preparado, porque ele está previamente preparado a ver o que ele vai ver. Então, é como se houvesse uma identificação entre saber e ver. Então, o que eu sei da mulher é aquilo que eu vejo sobre a mulher ou da mulher. Então, há toda uma construção da figura da mulher onde a ideia do feminino não aparece. Eu quero estabelecer uma dissociação, um pouco arriscada talvez, mas acho que vale a pena para nós pensarmos sobre isso, entre a mulher, o homem, o feminino e o masculino.

Quando nós falamos em mulher e homem nós damos predominantemente uma ênfase no aspecto biológico, e enquanto que quando falamos em masculino e feminino é mais no aspecto simbólico da presença dos valores, tradicionalmente ligados, no Ocidente, entre a figura da mulher e a do homem. Por isso eu preferiria até nem falar em homem e mulher, mas em masculino e feminino. Porque eu acredito que todas essas palavras remetem a experiências afetivas, emocionais, cognitivas, sociais, antropológicas, etc, que se consagram nessas expressões.

#### **Boletim NPC - Quem cria esse olhar?**

**Olgária Matos** - Esse olhar é produtor de uma certa imagem, mas ele também é produzido por uma expectativa já criada sobre esse olhar. Então é difícil você dizer quem cria e o ponto da qual parte a emissão dessa imagem. Eu acho que há um acordo tácito, praticamente. É claro que o espectador ou ouvinte é passivo com relação aquilo que é transmitido a ele. Mas eu também acredito que as pessoas não são só passivas nem aceitam passivamente as coisas, elas também querem aquilo que é dado a elas ver. E o que é dado a elas ver, na questão do feminino, não no feminino, mas a mulher, e a mulher aí entendido não o biológico, mas o estereótipo de comportamentos dependendo das conveniências de mercado, do que quer se vender via publicidade, via novelas, via entrevistas, sobre o que se pretende com o fazer aparecer a voz da mulher.

Então eu acredito que o que comanda predominantemente, com exceções raras, é o mercado. Não é aquilo que vai dar mais espectadores, mais ouvintes, portanto é aquilo que não pode contrariar expectativas daqueles que estão assistindo aquela programação. Então não pode ser um programa que faz pensar. Você pode ver, a inflação da imagem da mulher na televisão, nas mídias publicitárias, nos painéis eletrônicos expostos em toda a parte, você tem sempre uma figura da mulher que é ou a mulher ativa, empreendedora, interventiva ou é a mulher muito eficaz na sua casa com todo equipamento eletrônico e moderno.

De qualquer maneira é a mulher competente. Se cria a mulher competente seja dentro da casa ou na profissão. Nos dois casos nós temos uma ideia de competência que é vinculada através da presença da mulher. E essa questão de competência não é questionada, porque, num primeiro momento, o que parece é a propaganda ou a presença em primeiro plano da mulher, mas não é a mulher em si que está ligada àquela emissão necessariamente; são outros valores que são transmitidos através da presença da mulher na televisão, nas entrevistas e nas publicidades.

#### **Boletim NPC - Quais são as distorções simbólicas mais frequentes nos meios de comunicação em relação a mulher?**

**Olgária Matos** - As distorções mais visíveis são as da nudez. Você tem a exploração do corpo feminino que não é nem o corpo da mulher, agora ele é o corpo fetichizado da juventude. É o corpo eternamente jovem e é um corpo modelado. Ele é modelado no sentido de que ele é disciplinado para se apresentar segundo padrões impostos em larga medida pelo que se entende como modernidade. Você pensa, por exemplo, no carnaval. O que você vê na nudez da mulher no carnaval? Você, na verdade, não vê mais o corpo, porque obviamente a nudez é uma forma de vestimenta. O que é que você quer mostrar com a nudez?

Assim como o corpo quando ele tem um invólucro, uma vestimenta, ele também está querendo mostrar alguma coisa que ele está escondendo. Então quando você mostra absolutamente tudo você está escondendo nada? Não, você está escondendo alguma coisa, porque o que está sendo mostrado é o que? É o corpo musculoso ou então é o corpo siliconado. Então é um corpo totalmente artificializado, com isso eu não quero dizer que exista um corpo natural em estado puro, todo corpo já é artificial. Mas há um certo padrão de artificialidade, de artificialismo que vem ao encontro do





que o mercado consumidor de imagens e aqueles que são os financiadores desses mercados necessitam para ampliar os seus negócios.

#### **Boletim NPC - A mulher está sozinha nesse processo de distorção e abuso?**

**Olgária Matos** - É claro que a mulher é um dos elos mais frágeis da sociedade, no sentido de que ela tem uma fragilidade, não só, por exemplo, no mercado de trabalho, a gente sabe que a mulher ganha menos para a mesma função que o homem, como ela é mais vítima de violências doméstica, sexuais ou morais, tudo isso nós sabemos, mas também a mulher tem uma posição ambígua na sociedade porque ela acabou concedendo a sua liberação e a sua emancipação em termos masculinos e não femininos. Então, a agressividade no mundo do trabalho, a sua presença no mundo político, a sua maneira de se comportar como figura pública acabam mimetizando muito mais padrões masculinos do que possa manifestar valores propriamente femininos.

E quando digo valores propriamente femininos, eu digo que já há uma distorção prévia que é a separação rígida entre o masculino e o feminino. Por essa razão o filósofo contemporâneo da Escola de Frankfurt, Herbert Marcuse, dizia que a sociedade no futuro deverá reconciliar o masculino e o feminino e a sociedade do futuro deverá ser andrógena, porque tanto a mulher poderá desenvolver seus aspectos ditos masculinos, na forma do simbólico, como dos valores que estão no imaginário coletivo da sensibilidade, da receptividade, da não violência. Esses valores simbólicos, então, não são de pouca valia para nós pensarmos uma sociedade democrática. E a figura da mulher como a emissária principal da democracia.

#### **Boletim NPC - A imagem da mulher na mídia se cria a partir de interesses apenas comerciais e mercadológicos ou tem algo mais nesse jogo?**

**Olgária Matos** - Eu acho que além desses valores mercadológicos há também profundos apelos do desejo. Eu acredito que não se trata de um desejo produzido pelo nosso mundo afetivo, sentimental, porque ele está muito mesclado com os apelos que a sociedade do consumo traz consigo, mas eu acredito que a necessidade de certas cenas onde a mulher represente determinadas personagens ou que ela mesma se apresente na sua fragilidade ou na sua agressividade responde a necessidades profundas do desejo.

Quando eu digo desejo eu não digo prazer, porque o prazer está mais vinculado a um objeto palpável, enquanto que o desejo é mais inefável. O desejo é menos definido. Então existe uma expectativa tanto masculina como feminina de uma presentificação da mulher ou do feminino que responda a desejos, e portanto a faltas e carências que pelo imaginário ou provavelmente em algum momento ou experiência de realidade, e que possa preencher esse vazio e essa precariedade da condição humana.

#### **Boletim NPC - Desejos que serão satisfeitos?**

**Olgária Matos** - Na verdade, o desejo não é da ordem da realização. Nós podemos nos aproximar do desejo, mas uma vez realizado o desejo, o imaginário cria novas necessidades e novos desejos. Então, não se trata de uma aquisição definitiva de um desejo, porque vão se abrindo novas necessidades e os desejos também vão se multiplicando na nossa sociedade. Porque digo na nossa sociedade, se nós pensarmos, por exemplo, no mundo grego, clássico, o ideal do mundo clássico era a moderação, era a prudência. Não havia uma valorização das paixões. A modernidade, a nossa contemporaneidade, valoriza a paixão, portanto valoriza a desmesura, o excesso, valoriza o excedente.

#### **Boletim NPC - Que significa o consumo, criar a necessidade de adquirir, consumir, a estar no mercado...**

**Olgária Matos** - A estar no mercado ou se sentir recompensado por desejos que podem aparecer como novos, mas que na verdade são novidades. Qual a diferença entre o novo e a novidade? O novo é uma invenção. O novo é uma invenção que tem suas raízes e relação com toda a sua própria história, mas que aparece àquele que o vê, ou melhor, mal chega a aparecer porque ele (o novo) é capturado pela novidade. A novidade é um elemento diferencial para repetir a mesma coisa e a mesma monotomia do que já se teve uma vez e volta a se ter. Mas se apresenta como uma novidade para que o consumo convença as pessoas a adquirir algo que elas já têm e que elas não necessitam.

#### **Boletim NPC - A figura da mulher é de passividade na mídia?**



**Olgária Matos** - Eu não vejo a mulher como um ser passivo, nem o homem como um ser ativo. Eu vejo o homem como um ser alienado, que no atual momento da acumulação do capital, para sua reposição, acréscimo, acúmulo, etc, cria ou excesso de trabalho para poucos ou trabalho nenhum para muitos. Então, o homem é um ser alienado, quer dizer, ele não é senhor dos usos nem do sentido da sua vida nem do seu tempo. É igual às mulheres que vão para o mundo do trabalho. Você tem uma sobrecarga de trabalho para poucos e uma ausência total de possibilidade de pensar a própria vida.

Nos dois casos a alienação é comum seja para quem está no mundo formal do trabalho, seja para quem tem de ser empresário de si próprio, seja para quem está desempregado e não vê sentido mais nos usos do tempo. Não sabe o que fazer com a monotomia desse tempo. Isso acho que vale para o homem e para a mulher. Eu acho que o homem é um ser alienado e a mulher também. Alienado nesse sentido, tanto o homem como a mulher vivem num estado de heteronomia, quer dizer, as decisões são tomadas fora de um campo de ação afetivo dos interessados.

#### **Boletim NPC - Existe uma domesticação, por parte da mídia, da imagem da mulher?**

**Olgária Matos** - Eu acho que a mídia pode se valer de uma tentativa de fazer da mulher um ser menos pensante no sentido de menos calculista que o homem. Ela é menos premeditada em termos de carreira, passos que deverão ser dados para chegar a tal posição, então a mulher pode parecer muito mais desregrada, porque ela é mais passional, então ela não consegue ser exatamente calculista porque entram outros elementos que desagregam ou desestabilizam projetos de poder como um homem determinado em princípio desenvolveria.

Agora eu não saberia responder ao certo se essa imagem (da mídia) corresponde a estereótipos por isso ela não tem força persuasiva. Essas imagens correspondem a uma necessidade de consumo de imagens que é passível para homens e mulheres. Você fica olhando uma sequencia seja em novelas, nos telejornais, na publicidade, acabam as imagens todas se equivalendo porque você tem uma inflação de imagens que nos impede de imaginar e pensar. Por isso eu acredito que existam estereótipos tanto da mulher como do feminino, mulher empreendedora ou mulher totalmente vitimada por uma figura de um homem despótico. Há uma dispersão do sentido das coisas no mundo contemporâneo.

O momento que nós vivemos é muito triste e interessante porque vai exigir formas de intervenção, de transformação e de criação de um homem e mulher que se contraponham ao que foi criado. Eu me reporto a 1968, nessa época as lutas feminino e masculino se misturavam, e a idéia era criar um homem novo. Novos valores. Nova qualidade de vida. Razões para se estar juntos. Novos sentidos para as ações coletivas. Agora nós temos um homem novo, mas quem criou foi o neoliberalismo. O homem novo é competitivo, incapaz de amizade, desleal, que batalha individualmente por seus interesses, que tem medo de perder os seus cargos. É uma sociedade totalmente dissocializada, porque os fatores de coesão social não estão mais dados. Eu acho que um dos exemplos típicos e dramáticos disso é o filme “As invasões bárbaras”. Em 1968 se procurava um tipo de intervenção coletiva num espaço recíproco, compartilhado, onde a ação fosse irmã do sonho.

Segue uma imagem que pode ser reproduzida para uma dinâmica sobre a condição das mulheres, contemplando as diversas situações e opiniões que ouvimos cotidianamente.





## TRABALHO E RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO

### Subsídios para debate:

#### Texto 1

### RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO: IGUALDADE E EQUIDADE

Ocorre com certa frequência a confusão entre os termos *equidade* e *igualdade*. Ao pesquisarmos essas palavras no dicionário encontramos as seguintes acepções:

#### **Equidade**

s.f. Disposição para se reconhecer imparcialmente o direito de cada um, equivalência ou igualdade.

Característica de algo ou alguém que revela senso de justiça, imparcialidade, isenção, neutralidade etc.

P.ext. Lisura, correção no modo de agir ou opinar, honestidade e integridade.

Fonte: <http://www.dicio.com.br/equidade/>. Julho/2012

#### **Igualdade**

s.f. Qualidade das coisas iguais. Relação entre coisas iguais: igualdade de dois números.

Qualidade do que é plano, liso: igualdade de um terreno. Princípio pelo qual todos os cidadãos podem invocar os mesmos direitos: igualdade política, civil. Uniformidade, continuidade: igualdade de ânimo.

Fonte: <http://www.dicio.com.br/igualdade/>. Julho/2012

Ao lermos os significados das palavras equidade e igualdade, não conseguimos ainda ter uma ideia mais clara da sua importância quando as utilizamos no contexto do debate de gênero. Primeiramente é preciso considerar, a partir de nossos debates até o momento, que existem papéis social e historicamente construídos em torno do feminino e do masculino. Tais formulações não vêm ao acaso, pois, como também já estudamos, os papéis atribuídos aos homens e mulheres são fruto de interesses e relações de poder instituídos em nossa sociedade, a partir da naturalização de algumas diferenças, inclusive as biológicas, para justificar as desigualdades de gênero.

Estas têm uma longa e complexa história, mas o que nos interessa neste momento é pensarmos nas implicações e/ou mudanças a partir da questão da equidade. Talvez o termo igualdade seja insuficiente na medida em que consideramos que homens e mulheres são diferentes, que não significa ser “melhor” ou “pior”. Portanto, cabe discutirmos como alcançamos direitos iguais para todos na sociedade, considerando as diferenças existentes entre os sujeitos (sejam diferenças de gênero, étnico-racial, geracional etc.).

A luta por políticas públicas no caso da igualdade entre os gêneros prevê a incorporação do conceito de equidade, que permite um tratamento desigual para os desiguais, o que se traduz em políticas públicas e ações afirmativas em relação às mulheres. O objetivo é superar as desigualdades sociais existentes a partir da premissa da justiça social, que exigem mudanças nas legislações, a



formulação de programas e políticas governamentais específicas para que se avance na inclusão social e política dos grupos historicamente marginalizados.

## Texto 2

### A “TRIPLA JORNADA” DAS MULHERES NA PRODUÇÃO FAMILIAR RURAL

O trabalho pode ser dividido em três categorias principais: trabalho produtivo, trabalho reprodutivo e trabalho comunitário. Os “papéis” das mulheres envolvem trabalhos de todas estas categorias e nos referimos a isto como a “tripla jornada” das mulheres. Estas três categorias são explicadas a seguir:

- **Trabalho produtivo:** envolve a produção de bens e serviços para o consumo e comércio (agricultura, pesca, emprego e trabalhos autônomos). Quando se pergunta às pessoas o que elas fazem, a resposta geralmente relaciona-se ao trabalho produtivo e, em especial, ao trabalho que é pago ou que gera renda. Tanto as mulheres quanto os homens podem se envolver em atividades produtivas, mas, para a maior parte das pessoas, suas funções e responsabilidades irão se diferenciar de acordo com a divisão sexual do trabalho. O trabalho produtivo das mulheres é, em geral, menos visível e menos valorizado que o dos homens.
- **Trabalho reprodutivo:** envolve o cuidado e a manutenção da casa e dos seus membros, incluindo ter filhos/filhas e cuidar deles, preparar comida, coletar água e lenha, fazer compras, limpar a casa e cuidar da saúde da família. O trabalho reprodutivo é crucial para a sobrevivência humana ainda que raramente seja considerado um “verdadeiro trabalho”. Em comunidades pobres, o trabalho reprodutivo é, para maioria das pessoas, um trabalho manual e intensivo que consome muito tempo. É quase sempre de responsabilidade de mulheres e meninas.
- **Trabalho comunitário:** envolve a organização coletiva de eventos e serviços sociais: cerimônias e celebrações, atividades de melhoria da comunidade, participação em grupos e organizações, atividades políticas locais, etc. Este tipo de trabalho raramente é considerado nas análises econômicas da comunidade. No entanto, ele envolve uma quantidade considerável de tempo voluntário, é importante para o desenvolvimento espiritual e cultural das comunidades e, ainda, serve como um veículo para a organização comunitária e para a autodeterminação. Tanto as mulheres quanto os homens se envolvem nas atividades comunitárias, embora a participação de cada um se realize de maneira a reproduzir os papéis sociais estabelecidos pela sociedade.

Muito provavelmente as mulheres, os homens, os meninos e as meninas estão envolvidas e envolvidos em todas as três áreas de trabalho. Em muitas sociedades, no entanto, as mulheres fazem quase todo o trabalho reprodutivo e muito do trabalho produtivo. Qualquer intervenção em uma área irá afetar as outras. A carga de trabalho das mulheres pode impedi-las de participar em projetos de desenvolvimento. Quando elas participam, o tempo extra dedicado à agricultura, à produção, à formação ou às reuniões, significa menos tempo para outras tarefas, tais como cuidar das crianças e preparar a comida.

Fonte: ESCOLA SINDICAL SUL. Relações sociais: gênero e geração (in: caderno 16 do Projeto Terra Solidária- Tuma 1999-2000), Florianópolis/SC, Escola Sul/Deser/Fórum Sul dos Rurais da CUT, 2000.



### ATIVIDADE 3: Trabalho em grupos

Leitura dos dois textos acima em grupos para subsidiar os debates e reflexões sobre o trabalho e as relações sociais de gênero. Depois, cada grupo pode discutir e sistematizar as questões orientadoras abaixo e socializar em cartazes os resultados do debate para as demais companheiras.

- a) Listar no quadro abaixo as várias tarefas que podem representar cada uma das principais categorias de trabalho e, principalmente, quem as realiza (homem ou mulher, criança, adolescente, jovem, adulto ou idoso):

<b>Trabalho reprodutivo</b>	
<b>Trabalho produtivo</b>	
<b>Trabalho comunitário</b>	

- b) O que é necessário para modificar a situação das mulheres que enfrentam uma tripla jornada de trabalho e não são valorizadas?

---

---

- c) Quais os reflexos destes papéis sociais construídos para os homens e para as mulheres nas condições da juventude rural atual?

---

---

---

---



### Os textos abaixo visam contribuir nas abordagens da atividade 3:

Para compreendermos melhor o conceito de equidade podemos dizer que: “Equidade é a igualdade nos resultados!” Assim, por vezes se faz necessário um tratamento diferente a fim de se garantir igualdade nos resultados. As duas imagens abaixo, que, de uma forma bastante singela, cumprem bem o papel de explicar o que é equidade.



Podemos trabalhar com o grupo mostrando as imagens e perguntando o que aconteceria se de repente quiséssemos “fazer justiça” e disséssemos que vamos tratar os dois bichinhos com igualdade: “Os dois serão tratados igualmente. Os dois terão direito a uma vasilha igual para beber água”.

Como se sairia o beija-flor bebendo água na vasilha do cachorrinho? E como se sairia o cachorrinho bebendo água no bebedouro do beija-flor?

Este é um exemplo que bem evidencia a necessidade de tratamento diferente para garantir igualdade nos resultados. Ou seja, garantir que os dois bebam água.

Assim, quando se falar de equidade na saúde, equidade de gênero, equidade de remuneração, é preciso estar atento ao objetivo de se obter **resultados iguais**.

No caso de gênero, por exemplo, quando se diz que uma mulher não pode acessar determinado cargo considerado masculino, pode se pensar na maneira como o posto de trabalho sempre foi desenvolvido. Será que esta forma não é desfavorável ao desempenho feminino? Será que algumas mudanças tecnológicas ou de postura não poderiam mudar este quadro e viabilizar a presença feminina nesta profissão?

Além disso, também precisamos pensar em resultados iguais no caso da própria discriminação contra as mulheres. Quando pensamos em igualdade, pensamos homens iguais a homens e mulheres iguais a mulheres sendo homens diferentes de mulheres. Esta visão faz com que rapidamente se pense em profissões de homens e outras de mulheres. Aqui também precisamos inserir o conceito de equidade considerando que homens e mulheres, apesar de diferentes, podem apresentar igualdade nos resultados de sua produção. A mulher não tem que fazer **igual ao homem** para chegar ao mesmo resultado produtivo. Com certeza ela pode chegar aos mesmos resultados por outras vias, se assim for o caso.

E por fim, a grande questão da Equidade de Remuneração! Esta Campanha da ISP, também muito discutida por outras organizações tem a ver com diferenças salariais entre profissões que deveriam ter o mesmo valor. Quando falamos que as profissões tradicionalmente femininas são subvalorizadas diante da histórica discriminação das mulheres, estamos falando também da falta de equidade na hora de compor a remuneração das mesmas. Se não forem consideradas as diferentes características entre as profissões consideradas masculinas e femininas, não serão igualmente valorizadas, ou seja, não haverá igualdade nos resultados salariais entre elas. As profissões consideradas femininas têm peculiaridades que precisam ser vistas, consideradas e valoradas na composição da remuneração.

Vamos garantir a igualdade no valor das remunerações entre homens e mulheres quando consideramos o tratamento diferente às profissões tradicionalmente consideradas femininas, na hora de avaliarmos estes postos de trabalho.

#### **CONCEITO: SALÁRIO IGUAL PARA UM TRABALHO IGUAL**

Não devem existir diferenças de remuneração entre pessoas que realizam o mesmo trabalho dentro de uma empresa ou instituição. Uma carpinteira deve ganhar o mesmo que um carpinteiro se desempenharem as mesmas funções e tiverem o mesmo empregador. Ou seja, quando se comparam dois trabalhos iguais ou idênticos, a remuneração deve ser a mesma.



Em muitos países, esta disposição foi adotada há muito tempo. Conceitualmente precede às políticas de salário igual por um trabalho de igual valor.

### **CONCEITO: SALÁRIO IGUAL PARA UM TRABALHO DE IGUAL VALOR**

Este conceito integra a necessidade de um processo de eliminação de estereótipos, baseados no sexo, na valorização dos trabalhos de predominância masculina e feminina dentro de uma empresa ou instituição. Quando os trabalhos requerem o mesmo **nível** de capacitação e demandam as mesmas tarefas, devem receber o mesmo salário e iguais condições de trabalho. Os trabalhos não tem que se parecer para serem considerados de igual valor. Deve se pagar o mesmo por trabalhos diferentes porque eles têm o mesmo nível de requisitos em termos de competências, responsabilidade e esforço. (...)

Fonte: LEME, Rita. Conceitos básicos: equidade, salário igual para trabalho igual. Texto número 14, In: Equidade de Remuneração entre Homens e Mulheres: Sugestões Brasileiras de Metodologias Formativas. Gráfica Inform. São Paulo, dezembro 2009.

### **PAPÉIS SOCIAIS DE GÊNERO: QUAIS SÃO OS PAPÉIS DAS MULHERES E OS PAPÉIS DOS HOMENS?**

As tarefas desenvolvidas dentro da unidade da produção familiar muitas vezes são definidas em função do gênero. Na Agricultura Familiar, o processo de trabalho depende do trabalho tanto dos homens quanto das mulheres, mas quem realmente define a divisão das tarefas dentro da unidade de produção familiar? Esta divisão é feita porque há diferenças biológicas entre os homens e as mulheres ou porque foi construída culturalmente, socialmente desta forma?

Para Ari Sartori<sup>1</sup>, “Papéis sociais de gênero são os papéis socialmente construídos a partir de um conjunto de normas e costumes que a sociedade e a cultura ditam sobre o comportamento masculino ou feminino”.

Estes papéis sociais são construídos desde a infância e vão sendo consolidados ao longo dos anos, perpetuando uma desigualdade sociocultural.

Poderíamos lembrar várias frases que constroem os papéis sociais de gênero, como esta: “O menino é forte, a menina é frágil”, por exemplo.

Desde crianças, as mulheres são educadas e orientadas a ser inseguras, meigas e a cuidar dos outros. Já os meninos são incentivados a ser fortes, enfrentar as dificuldades do mundo e reprimir seus medos e fraquezas. Enquanto o menino é estimulado a ter brincadeiras com armas e carrinhos, para aprender a ser agressivo, dinâmico, forte e competitivo para conquistar o mundo e ser vitorioso, as meninas são incentivadas a brincar com bonecas, fazer comidinhas e limpar a casa, para aprender a ser delicada, obediente e prestativa e que seu lugar é dentro da casa.

Assim, é dentro do próprio ambiente doméstico que as relações sociais desiguais começam a ser construídas e alimentadas: os homens são estimulados a mandar e as mulheres a obedecer, gerando uma distribuição desigual de poder que resulta na submissão feminina.


A educação formal nas escolas, a religião e os meios de comunicação reproduzem uma ideologia que perpassa todas as esferas da sociedade e reforça o mito do que é ser feminino e ser masculino. Com base nestes mitos e nessa ideologia machista, se desenvolve o exercício da violência física sexista, expressa nas cantadas e estupros, nos assassinatos “por amor” e nos espancamentos cotidianos de mulheres por seus maridos, companheiros e amantes.

Esses mesmos mecanismos ideológicos são utilizados para manter uma ignorância generalizada sobre a sexualidade e o funcionamento do corpo, base para a repressão sexual e a manutenção do controle do Estado sobre a função reprodutiva da mulher.

SARTORI, Ari. Homens e políticas de “empoderamento” das mulheres – a emergência de “gênero” entre sindicalistas de esquerda em Florianópolis. Dissertação em Antropologia Social, Florianópolis, CPGAS-UFSC, 1999, 267 p.





The background of the page features a close-up of a hand holding a single green bean against a trellis of climbing plants. In the lower right, there is a black silhouette of a person standing on a grassy field, holding a flag on a pole. The overall theme is related to agriculture and food security.

# Segurança Alimentar: Produção e Consumo



## SEGURANÇA ALIMENTAR: PRODUÇÃO E CONSUMO

No eixo temático *SEGURANÇA ALIMENTAR: PRODUÇÃO E CONSUMO* iremos abordar o padrão alimentar altamente industrializado focando a problemática da publicidade de alimentos direcionado às crianças e a obesidade infantil para discutirmos as alternativas possíveis com o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Na sociedade moderna, a dimensão do consumo de alimentos envolve a complexidade do modelo de produção agrícola hegemônico e a questão da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), que é um conceito abrangente, de natureza interdisciplinar. Isto é, envolve o debate sobre o acesso a alimentos de qualidade, práticas alimentares saudáveis, práticas sustentáveis de produção, protagonismo social e direitos humanos. Refere-se também a um conjunto de políticas públicas, de responsabilidade do Estado com controle da sociedade civil organizada, que visa garantir a toda população brasileira o direito a uma vida com dignidade, onde o alimento saudável é tratado como direito e não como mercadoria que restringe seu acesso somente àqueles com condições econômicas.

Esse debate junto às mulheres agricultoras ganha enorme relevância, principalmente quando abordamos as dimensões da produção e do consumo de alimentos, problematizando o uso de agrotóxicos e sementes transgênicas, a erosão da cultura alimentar e a crescente industrialização dos alimentos. Nesse sentido se faz premente a resignificação do ser agricultora, contemplando os desafios para a permanência das jovens no meio rural, tendo como referência criar outras bases para se pensar a relação entre o ser humano e a natureza, cujo modelo de desenvolvimento local responda aos interesses das trabalhadoras e dos trabalhadores e contenha estratégias de promoção do direito à alimentação adequada no meio rural a partir da realidade dos municípios.

### **Materiais a serem abordados:**

- *Globalização, alimentação e identidade cultural*, de Rosana Miyashiro e Renata Carvalho de Oliveira
- *Um cardápio gordo em casa e na TV*
- *Aquisição da Agricultura Familiar para a Alimentação Escolar: Passo a passo*
- Música: *Comida*, Titãs
- Vídeo: *Criança, a alma do negócio*, Instituto Alana



### DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO 1:

A **atividade 1** do *Eixo Temático: Segurança Alimentar: produção e consumo* deve ser um momento de aquecimento para que as educandas reflitam sobre a qualidade dos alimentos que estamos consumindo bem como todas as dimensões que impactam nesse consumo como o modelo de produção agrícola, o intenso processo de industrialização e a falta de regulamentação das propagandas de alimentos destinadas ao público infantil.

O objetivo é perceber a complexidade da temática e sair da visão individualizadora do consumo, que reforça o discurso de que “cada pessoa é responsável pelos seus hábitos alimentares”. Pensar como o consumo opera dentro da lógica capitalista, ou seja, podemos consumir de tudo, desde que a indústria consiga produzir.

É oportuna a reflexão sobre as variedades alimentares (sementes, raízes, grãos, etc.) que os próprios agricultores estão perdendo e, conseqüentemente, provocando uma redução em sua base alimentar. Alguns estudos alertam que a diversidade de alimentos encontrados nas prateleiras dos supermercados dá-nos a falsa ilusão de que estamos em uma época de diversificação alimentar. No entanto, a quase totalidade dos alimentos são elaborados com 3 ou 4 matérias primas (milho, soja, arroz e trigo) revelando um processo de homogeneização dos alimentos, empobrecimento das dietas e monotonia alimentar.

Para desencadear esses olhares, é importante que a educadora exiba o último trecho (33:32’) do documentário “*Criança, a alma do negócio*” (disponibilizado no CD), evidenciando que o foco da publicidade atualmente são as crianças e que muitas delas estão perdendo a referência dos alimentos (já não reconhecem legumes e frutas) e desenvolvendo diversos problemas de saúde como hipertensão, obesidade, hipercolesterolemia, entre outros. Pesquisas do Instituto Alana mostram que 80% da influência de compra dentro da casa vem das crianças e esse apelo ao consumismo infantil não ocorre por acaso e que bastam apenas 30 segundos para uma **marca** influenciar uma criança.

Outra possibilidade de desenvolvimento metodológico é a partir da utilização de propagandas de alimentos que aparecem nos meios de comunicação (algumas estão disponibilizadas no CD). Seria interessante fazer uma chuva de ideias com as mulheres sobre quais elementos elas destacariam ao ver a propaganda, o que lhes chamou mais a atenção. É importante que a educadora esteja atenta às falas, pois algumas mulheres podem expressar uma visão naturalizadora da situação, sem perceber o impacto nas crianças e as reais intenções das propagandas. Cabe à educadora problematizar tais visões.



## ATIVIDADE 1:

O modelo atual de consumo de alimentos está baseado no excesso de alimentos de alto valor energético, ricos em sódio, açúcar refinado simples e gordura e na diminuição no consumo de fibras. A economia de escala global e a indústria de alimentos desempenham um papel importante, devido à gama de produtos distribuídos e ao suporte publicitário envolvido. Segundo dados do IBGE, a partir da década de 1990, a importação de alimentos industrializados cresceu significativamente (somente de 1992 a 1995 aumentou 409%). Nos últimos 20 anos, houve aumento no consumo de alimentos congelados, biscoitos, salgadinhos, embutidos, refrigerantes e cerveja. No mesmo período, observou-se um declínio no consumo de alimentos característicos da mesa dos brasileiros como o feijão e o arroz. Como consequência, os hábitos alimentares foram sendo alterados e tendo impactos na saúde da população. Os estudos epidemiológicos sinalizaram a relação entre *esta* dieta e doenças crônicas não transmissíveis como diabetes, hipertensão, sobrepeso e obesidade, e outras.



Para estimular as reflexões e os debates sobre as mudanças alimentares e o papel dos pais e das organizações sociais frente a essa problemática, vamos assistir um trecho do documentário **“Criança, a alma do negócio”**, que mostra a estratégia atual da publicidade é transformar as crianças em potenciais consumidores, com poder de influenciar nas decisões de compras da família. O resultado é devastador: crianças que, aos cinco anos, reconhecem as marcas de todos os salgadinhos mas não sabem os nomes de frutas e legumes e com inúmeros problemas de saúde.

Depois do documentário, deve-se escrever no quadro abaixo quais aspectos achou mais importante do vídeo para socializar com o grupo.



## DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO 2:

A **atividade 2** é o momento de estudo da temática a partir de 2 textos com algumas questões orientadoras para os debates. A educadora deverá organizar esse momento, dividindo as mulheres em 4 grupos (2 grupos para cada texto) e solicitando que cada grupo escolha 1 coordenadora e 1 relatora cujas tarefas serão, respectivamente, organizar o trabalho em grupo (leitura e fala das colegas estimulando a participação de todas) e apresentar/socializar na plenária o debate do grupo.

Para que as educandas consigam apropriar-se dos conteúdos dos textos instigando a curiosidade, sugerimos que a educadora oriente a leitura em 3 momentos:

**1º momento:** leitura rápida para compreensão geral do texto;

**2º momento:** leitura mais atenta sublinhando as palavras desconhecidas (a educadora pode trabalhar fazendo um quadro com duas colunas (1ª coluna: o que imaginamos ser o significado da palavra e 2ª coluna: o que diz o dicionário);

**3º momento:** leitura com extração das ideias chave do texto.

Na leitura do gráfico sobre a transição nutricional no país (inserido no texto 2) é importante que a educadora auxilie as mulheres trazendo elementos de comparação do cotidiano como: tamanho da árvore próximo à casa no inverno passado e hoje, a estatura dos filhos com o passar dos anos, a quantidade de arroz no início do mês e ao final, etc. para que elas comecem a raciocinar sobre a noção de proporção que utilizamos na matemática e na nossa vida. Esse exercício irá auxiliar no desenvolvimento da **atividade 7**, onde serão realizados alguns cálculos matemáticos.

Após o momento de trabalho nos pequenos grupos, é necessário que haja a socialização entre os grupos destacando os pontos mais importantes. Pode-se construir um cartaz coletivo que ficará exposto na parede até o término da oficina. A educadora observará que, apesar dos textos serem diferentes, algumas questões são idênticas. É fundamental que todas as educandas possam trazer sua realidade de consumo alimentar na família para a discussão.

Abaixo, seguem 2 textos de subsídios para as educadoras com informações para complementar o debate e que estão relacionados aos textos trabalhados do caderno da oficina 1. O texto 1 aborda o consumo de alimentos com excesso de agrotóxicos e seus impactos na saúde da população e no ambiente e a desigual correlação de forças entre o agronegócio e os trabalhadores no cenário brasileiro. O texto 2 traz uma síntese histórica das mudanças significativas ocorridas nas formas de preparo e de consumo dos alimentos desde a Revolução Industrial, no século XIX. A nova divisão social do trabalho com o advento da industrialização tem como consequência a transformação da vida em sociedade. O processo de urbanização, a disciplina do tempo, a intensificação do ritmo de trabalho entre outros aspectos tem como desdobramento a instituição de novos



hábitos.

Para enriquecer a abordagem dos conteúdos, selecionados os textos a seguir.

### **Texto subsídio 1**

## **ALIMENTAÇÃO PERIGOSA AGRONEGÓCIO ENVENENA A COMIDA DOS BRASILEIROS**

Por Raquel Rigotto, Fernando Carneiro e Anelise Rizzolo

Com a hegemonia do modo de vida urbano-industrial, cada vez menos comemos conscientes de que estamos ingerindo porções do planeta, frutos de delicadas e complexas inter-relações entre nutrientes do solo, os mistérios das sementes, as nuvens e a chuva, o trabalho humano e a cultura dos agricultores. Que alimentos são estes, que passam a fazer parte do nosso corpo?

Se até cerca de 50 anos atrás a fome era uma preocupação central da humanidade, e se expressava pela desnutrição e carências alimentares, hoje o problema se reveste de uma nova face frente ao padrão alimentar altamente industrializado e processado ao qual todos nós temos sido submetidos. Em 20-30 anos passamos de desnutridos a obesos. Na verdade, os segmentos socialmente vulnerabilizados acumularam as duas agendas, pois convivem tanto com doenças carenciais como anemia e deficiência de vitamina A, como com doenças crônicas como hipertensão, diabetes e dislipidemias – além da obesidade.

O ecocídio, etnocídio e genocídio iniciados na América Latina desde os tempos coloniais, com a monocultura e a escravidão, se expressam hoje no avanço das grandes corporações mundiais sobre a biodiversidade e o conhecimento que são a base da reprodução da nossa espécie. Como afirma Haesbaert e Porto-Gonçalves, “é o controle da mais elementar do modo de produzir os alimentos e garantir a saúde humana”.

Se o direito à alimentação adequada e saudável foi inscrito na Constituição federal em 2010, são muitos os desafios para garanti-lo. Cultivos de produtos voltados para alimentar o ciclo dos agrocombustíveis, como a soja e a cana, ocupam cada vez mais terras agricultáveis, se expandindo sobre biomas como o Cerrado e a Amazônia. Enquanto isso, aquilo que vai à mesa dos brasileiros todos os dias, como arroz e feijão, seguem com a mesma área plantada ou houve redução desde 2002 a 2011, segundo dados do IBGE. E os planos do Ministério da Agricultura para 2020 são para aumentar a produção de soja, por exemplo, em 55%: biodiesel e ração animal.

Estas commodities trazem outros problemas para a população, por seu modelo de produção dependente de transgênicos, agrotóxicos e fertilizantes. Há três anos consecutivos o Brasil vem recebendo a angustiante título de maior consumidor mundial de agrotóxicos (nos últimos dez anos, o mercado mundial de agrotóxicos cresceu 93%, enquanto o brasileiro cresceu 190%), aplicados em sua maioria nos monocultivos de soja, cana, milho, frutas. Mas também os pequenos agricultores, que produzem cerca de 70% dos alimentos que consumimos, vêm sendo fortemente influenciados pelos mitos difundidos pela revolução verde, de que, por exemplo, não se conseguem produzir sem agrotóxicos. As milhares de experiências de Agroecologia no Brasil e no mundo estão aí para provar o contrário.



## **CONTAMINAÇÃO**

Dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) mostram que 63% das amostras de frutas, hortaliças em 2010 estavam contaminadas por agrotóxicos, sendo que 28% apresentaram ingredientes ativos não autorizados para aquele cultivo e/ou ultrapassaram os limites máximos de resíduos considerados aceitáveis. Conforme analisa o Dossiê de Alerta lançado pela Abrasco há cerca de um mês, “se estes números já delineiam um quadro muito preocupante do ponto de vista da saúde pública, eles podem não estar ainda refletindo adequadamente as dimensões do problema, seja porque há muita ignorância e incerteza científicas embutidas na definição desses limites, seja porque os 37% das amostras sem resíduos referem-se aos ingredientes ativos pesquisados, 235 em 2010 – o que não permite afirmar a ausência dos demais (cerca de 400), inclusive do glifosato, largamente utilizado (40% das vendas) e não pesquisado.”

Some-se a isto o fato de que, entre os 50 ingredientes ativos (IA) de agrotóxicos mais utilizados em nossas lavouras, 22 já são proibidos na União Européia. E ainda a constatação de que ingerimos uma verdadeira salada de ingredientes ativos num simples alimento – a Anvisa encontrou amostras com até 18 IA diferentes. A preocupação é maior porque a maioria do conhecimento científico disponível sobre a toxicidade dessas substâncias se constrói a partir de estudos com animais de laboratórios ou *in vitro*, considerando a exposição a apenas um ingrediente ativo de cada vez: há uma verdadeira zona de ignorância no que toca aos efeitos da exposição múltipla, situação mais comum tanto para os trabalhadores como para os consumidores.

A água que bebemos também pode estar contaminada com agrotóxicos. Segundo o Atlas de Saneamento e Saúde do IBGE, lançado em 2011, esgoto sanitário, agrotóxicos e lixo são as causas da poluição na captação em mananciais superficiais (72%), em poços profundos (54%) e em poços rasos (60%). O Ministério da Saúde, responsável por controlar a qualidade da água para consumo humano, não tem conseguido fazer sua tarefa: em 2008, apenas 24% dos municípios apresentam informações sobre o controle da qualidade da água para os parâmetros agrotóxicos (Netto, 2010).

Se as políticas públicas priorizassem o apoio à agricultura familiar e à transição agroecológica, em detrimento ao agronegócio, poderíamos evitar as muitas doenças que a ingestão diária de água e alimentos contaminados por agrotóxicos causa sobre a nossa saúde. O leque de agravo para os quais fartas evidências científicas já estão estabelecidas é amplo, e vai desde alergias da pele e respiratórias, até os cânceres – leucemia, linfomas, de mama, de próstata, cérebro, etc; passando por alterações endócrinas e imunológicas, problemas da reprodução – infertilidade masculina, abortos, óbitos fetais e malformações congênitas: além de doenças neurológicas como Síndrome de Parkinson; doenças do fígado, dos rins e dos pulmões.

Os dados mais recentes do Ministério da Saúde (MS) apontam que as intoxicações agudas por agrotóxicos no país já ocupam a posição dentre as intoxicações exógenas notificadas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan). O número de casos notificados neste sistema aumentou de 2.071 para 3.466 entre 2007 e 2011, ou seja, 67,3%. Em relação às mortes, dados informados pelo Instituto de Saúde Coletiva da Bahia, em março de 2012, indicam a ocorrência no Brasil de 2.052 óbitos por intoxicações por agrotóxico entre 2000-2009.

E o que o SUS tem feito sobre este grave problema de saúde pública? Infelizmente, temas como este estão longe da atual agenda política de um dos maiores sistemas universais de saúde do mundo. O Ministério da Saúde discute há cinco anos um Plano de Vigilância e Atenção a Saúde para Populações Expostas a Agrotóxicos e,



até o momento, não conseguiu pactuar com estados e municípios a forma e os recursos a serem direcionados para a implementação.

## **IMPUNIDADE**

Estamos diante de um estado forte para financiar e promover o agronegócio: ao tempo em que é mínimo para proteger a saúde onde predominam os interesses da bancada ruralista para maior liberação do uso de agrotóxicos no âmbito do legislativo (mais de 40 projetos de lei nessa direção), no executivo (pressões sobre os órgãos reguladores como a Anvisa), no judiciário (impunidade nas mortes no campo), na pesquisa (mais de 95% dos recursos da Embrapa estão voltados para o agronegócio) e na mídia (o agronegócio possui até canais de televisão).

As novidades, em termos de uma reação organizada da sociedade civil vieram da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida, tendo como sua principal bandeira de luta para 2012 o banimento dos agrotóxicos já proibidos em outros países.

E também da sociedade científica, a exemplo do Dossiê Abrasco – um alerta sobre os impactos dos Agrotóxicos na Saúde ([www.abrasco.org.br](http://www.abrasco.org.br)). Uma das suas principais conclusões é que não são mais necessárias evidências científicas para uma ação clara de estado para vigiar, proteger e promover a saúde das populações envolvidas; e para implementar políticas intersetoriais de incentivo à Agroecologia e à Reforma Agrária, para que esse modelo adoeedor seja alterado. Fome de alimentos, fome de saúde, fome de justiça.

Raquel Rigotto é professora do Departamento de Saúde Comunitária da Faculdade de Medicina da Universidade federal do Ceará Núcleo Tramas/UFC e membro da Abrasco.

Anelise Rizzolo é professora do Departamento de Nutrição e do Observatório de Políticas de Segurança Alimentar da Universidade de Brasília (UnB) e membro da Abrasco.

Fernando Carneiro é professor do Departamento de Saúde Coletiva e do Núcleo de Estudos de Saúde Pública, da Universidade de Brasília (UnB).

## **Texto subsídio 2**

### **Crianças pequenas, grandes negócios**



Por serem consideradas especialmente vulneráveis, as crianças devem ser protegidas da invasão de um modelo de consumo de alimentos não saudáveis e em excesso que a mídia veicula. Esse é o consenso dos estudiosos presentes ao Congresso Mundial de Nutrição, com trabalhos que abordaram o grande apelo da publicidade de alimentos dirigida ao público infantil.

As estratégias da propaganda em embalagens, da organização das prateleiras de supermercados, dos comerciais de televisão e na mídia impressa para crianças foram apresentadas pela pesquisadora Renata Alves Monteiro, do Observatório de Políticas de Segurança Alimentar e Nutrição da Universidade de Brasília (UnB). Uma das autoras da pesquisa Estratégias persuasivas na propaganda de alimentos na televisão brasileira, ela demonstrou que a publicidade de alimentos usa métodos invasivos e repetitivos. Em 103 horas de programação de sete canais de TV (dois abertos e cinco fechados), 80% das propagandas de alimentos foram destinadas às





crianças.

Biscoitos doces, bolos, guloseimas, fast foods, bebidas gaseificadas e sucos artificiais, fabricados por cinco grandes indústrias de alimentos, foram a maioria dos produtos alimentícios anunciados. Personagens de desenhos animados figuram nos rótulos e anúncios de brindes. Promoções e concursos incentivam compras repetidas. Os pontos de vendas mantêm uma disposição especial de prateleiras destinadas a alimentos para crianças, o que estimula o desejo de compra. Para Renata, as mensagens passadas para as crianças embutem valores de consumismo e não têm qualquer relação com a qualidade nutricional dos alimentos “É um quadro preocupante e que demanda atenção da comunidade e do Estado”, afirmou ela, para quem a autorregulamentação publicitária não é efetiva por si só. “Ainda que se valorize o papel dos pais na educação dos filhos, não se pode amenizar as responsabilidades do Estado, da indústria e da sociedade na atenção à alimentação saudável”, considera.

Apesar da forte defesa no meio acadêmico, vários setores da sociedade ainda apresentam resistência à regulamentação da publicidade. A pesquisadora Patrícia Henriques, da Universidade Federal Fluminense (UFF), apresentou trabalho constatando o baixo índice de aceitação das instituições à proposta de controle de propaganda da Anvisa, de 2005. O ponto principal da proposta era a proibição da distribuição de brindes e do uso de desenhos de personagens e imagens de celebridades admiradas pelas crianças na propaganda de alimentos, além da divulgação de mensagens que destacassem os riscos para a saúde no consumo do alimento com excesso de gordura, sódio ou açúcar. A proposta foi levada a uma Consulta Pública em 2006 (CP nº 71/2006, disponível no site da Anvisa), mas a maioria dos setores que contribuíram para a consulta opinou contra o regulamento proposto.

Para Patrícia, as diretrizes da Anvisa eram inovadoras e condizentes com a alta mortalidade por doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs). Entre os que foram contra, além de grande parte do setor industrial, 30% eram instituições de combate ao câncer. Patrícia considerou o dado controverso e alarmante, e afirma que isso se dá em razão de um grande conflito de interesses. “As instituições não querem perder incentivos financeiros”, apontou.

Durante o Congresso, foi lançado pela Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) um documento com as recomendações sobre a promoção e a publicidade de alimentos e bebidas não alcoólicas para crianças nas Américas. As principais recomendações da Opas estabelecem que o Ministério da Saúde deve assumir a liderança no processo de regulação da promoção e da publicidade de alimentos. O ponto fortalece a Resolução nº 24 da Anvisa, de 2010, que determina que a publicidade de alimentos com alto teor de sódio, gorduras e açúcar seja acompanhada de alertas para possíveis riscos à saúde no caso de consumo excessivo. Hoje, a norma encontra-se suspensa por decisão da Justiça em favor de empresas associadas a algumas entidades, como a Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (Abia). “O documento é um verdadeiro passo para o enfrentamento da obesidade infantil nas Américas”, afirmou Philip James, especialista e professor da London School Of Hygiene and Tropical Medicine, durante a plenária de encerramento.

Fonte: Revista Radis, Comunicação em Saúde, nº 119, julho 2012.



## ATIVIDADE 2: Estudos com textos

Proposta de trabalho em grupos:

1. Leitura e debate em grupos para subsidiar as reflexões sobre as questões levantadas (cada grupo se dedica ao estudo de um texto)
2. Após os estudos, socializar os conteúdos em cartaz com as companheiras do outro grupo.

### Texto 1

## GLOBALIZAÇÃO, ALIMENTAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL

A cozinha, popular e doméstica, mantida durante séculos pelos camponeses e passada de geração a geração, cuja matéria-prima provinha das hortas familiares de cultivo de produtos da região e das estações do ano, possibilitava uma variedade e abundância de alimentos e a reprodução das tradições culturais.

Mudanças significativas foram observadas nas formas de preparo e de consumo dos alimentos desde a Revolução Industrial, no século XIX.

É preciso lembrar que a constituição da classe operária com a Revolução Industrial a partir do processo de êxodo rural dos trabalhadores e a formação das cidades tipicamente urbanas produziram novas formas de sociabilidade. Se para o proletariado o preparo e o consumo dos alimentos significaram adaptar-se a nova realidade do mundo do trabalho sendo a praticidade e o baixo custo dos alimentos a condição de sua reprodução como força de trabalho nas indústrias, para a burguesia a alimentação ganha novos contornos e relaciona-se a ostentação e ao poder econômico com a ampliação do consumo de bens.

Lembramos também que no século XX, com o processo migratório dos trabalhadores a partir da Segunda Guerra Mundial, um enorme contingente populacional desloca-se entre as regiões do planeta, abandonando sua terra natal. Ao estabelecerem-se em novos territórios em meio a culturas diferentes, esses imigrantes se defrontaram com hábitos e costumes desconhecidos e estranhos. Dessa forma, a preservação de suas tradições constituía-se numa estratégia de não diluir suas raízes, de reviver sua cultura para não perder o total reconhecimento de si mesmo, de seu povo.

Mas, a maioria dessa população, consciente das dificuldades para o retorno ao país de origem, busca integrar-se e adaptar-se a nova cultura. Dessa forma, a inevitável troca entre diferentes culturas constituiu também, digamos, uma nova cultura.

No entanto, esse processo de integração cultural foi se alterando com o advento da industrialização dos alimentos e da comercialização de novos produtos por grandes redes.

No Brasil, com o processo de industrialização, no período entre os anos 50 e 70, há uma profunda mudança nos hábitos e costumes com a instituição de padrões de produção e de consumo próprios dos países desenvolvidos do capitalismo, sendo que nos anos 60 os primeiros *shopping* e supermercados, como aborda o historiador Fernando Novaes, iniciam no país: *“o hábito de comer fora... Para as refeições rápidas, os privilegiados se dirigiam a lanchonetes badaladas e, depois, aos fast-foods, o primeiro do Brasil foi o Bob’s do Rio de Janeiro. Os outros*



*nos dias de trabalho, aos bares, às lanchonetes baratas, onde comiam o prato feito, conhecido como PF, ou um sanduíche, moda que também foi se arraigando”...*

Porém, não podemos pensar todas essas mudanças sem considerar o papel dos meios de comunicação de massa na disseminação de novos hábitos e na “mundialização da cultura”, como aborda Renato Ortiz. Por meio da veiculação em todo o planeta de marcas e produtos, a economia e a cultura são facetas da mesma lógica e assim, são reconhecidos mundialmente *”Marlboro, Euro Disney, Fast-food, Hollywood, chocolates, aviões, computadores”*, independentemente das culturas locais, que vão sendo absorvidas. Daí surgem, por exemplo, os Mac Donald’s, o costume de passear em shopping, a introdução de palavras estrangeiras no vocabulário como: office-boy, beef, (nossa carne para bife), Marketing, etc.

Na atualidade, no chamado processo de globalização, a cozinha industrial torna-se uma referência nos estilos de vida. Na massificação do consumo e homogeneização dos hábitos alimentares, temos a convivência de culturas regionais e tradicionais com a cultura padronizada dos self-services e fast-food.

Dessa forma, *“os produtos e as maneiras de cozinhar se associam assim às classes sociais. O fogão elétrico, os talheres, o uísque, a mesa, a não separação entre os sexos no momento da refeição tornam-se sinais de distinção social, e se afastam do comer com as mãos, dos potes, do chão onde se deposita a comida, do vinho de dendê, enfim da tradição”...*(Ortiz, 2000)

Como vemos, a lógica da expansão mercadológica da alimentação produz um duplo movimento, de diferenciação (de classe) e de homogeneização (do consumo) das culturas como, por exemplo, a comida árabe e a chinesa, que foi massificada nos restaurantes e *fast-food’s* utilizando-se da estratégia de inserção de novos hábitos alimentares mesclando e introduzindo culturas diferentes em contextos culturais distintos.



#### **Referências bibliográficas**

MARX, Karl. **A Maquinaria e a Indústria Moderna**, in O Capital, Crítica da Economia Política, Livro I, Vol. I, São Paulo : Civilização Brasileira, 1975

NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil: capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. São Paulo : Cia da Letras, 1998.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo : Ed. Brasiliense, 2000.

Texto elaborado por Rosana Miyashiro e Renata Carvalho de Oliveira. Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha



## QUESTÕES ORIENTADORAS PARA LEITURA E DEBATE EM GRUPO

1. Observando a sua realidade (família, comunidade, vizinhança) você percebe que houve mudança na alimentação? O que mudou da época de sua infância? Houve mudanças em relação ao tipo de alimento e na forma de preparo?

---

---

---

---

2. Que alimentos você costuma comprar no supermercado?

---

---

---

---

3. Quais alimentos seu (s) filho (s) mais pedem para comprar? O que você faz e/ou diz?

---

---

---

---

4. Na hora das refeições é comum a televisão ficar ligada? Quais as razões da situação apontada?

---

---

---

---

### Texto 2

## UM CARDÁPIO GORDO EM CASA E NA TV



(...) Oito milhões de crianças do Brasil estão acima do peso, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados em 2010. Isso equivale a 33,5% dos indivíduos de cinco a nove anos do País. Nos últimos 20 anos, os casos de obesidade infantil mais do que quadruplicaram. Para o nutricionista Alexander Pitas, os dados revelam que a educação alimentar, desde cedo, é deficiente. “Pais que não se alimentam direito não ensinam corretamente seus filhos. Do outro lado, a mídia vende alimentos não saudáveis e muitas vezes com informações falsas”, relata.



E a TV exerce sua influência: quatro horas e 51 minutos foi o tempo médio que as crianças assistiram à televisão, em 2005, de acordo com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope). Pitas monitorou as propagandas durante a programação infantil das duas maiores emissoras do País, por uma semana. “Todas as propagandas alimentícias eram de alimentos não saudáveis”, conta. Do total de peças publicitárias de alimentos na TV, em todos os horários, 96,7% são de produtos gordurosos e com alto teor de açúcar ou sal, segundo pesquisa da Universidade de Brasília (UnB), de 2009.



A falta de esclarecimentos sobre nutrição, aliada a um mercado publicitário de grande impacto, com o uso de cores, movimentos, músicas e mascotes, influencia a alimentação de crianças e adolescentes. “As mães sentem dificuldades em controlar o tempo das crianças em frente à TV. A maioria delas, cerca de 80%, acabou comprando em algum momento os alimentos que as crianças sugeriam, sobretudo *fast-foods* e refrigerantes.” (...)

### Legislação da publicidade



O questionamento do nutricionista Pitas fica por conta da veracidade do que é divulgado pelas propagandas. “A publicidade dá uma ideia errada sobre a qualidade nutricional e vende alimentos ricos em açúcares e gorduras como se fossem saudáveis”, diz. Ao coletar relatos de crianças, ele notou que era comum, por exemplo, a ideia de que sucos artificiais em pó são saudáveis, pois nas peças publicitárias tais produtos costumam estar associados a imagens de frutas.

Para Gino Giacomini Filho, há uma luta desigual entre o marketing que reforça maus hábitos alimentares e o acesso a informações sobre alimentação saudável.

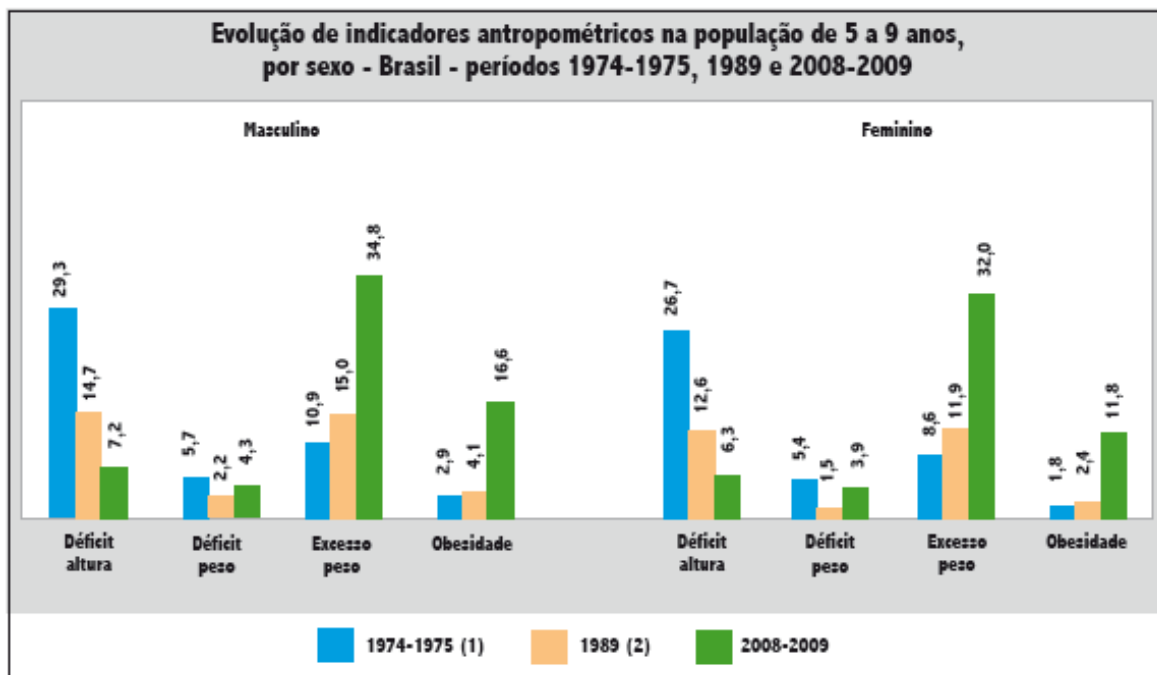
As mensagens irregulares estão previstas na resolução nº 24/2010, da Anvisa. Essa norma proíbe que peças publicitárias informem que o alimento vendido seja completo (que possua todos nutrientes de que os consumidores precisam) ou que seja capaz de substituir outro alimento natural, ou garanta saúde ou desestimule o aleitamento. Essa resolução, porém, foi questionada pela Associação Nacional das Indústrias de Biscoito (Anib) que conseguiu barrar sua aplicação. (...)

Para Pitas, a proibição da propaganda voltada ao público infantil é uma boa solução para barrar o crescimento dos casos de obesidade e sobrepeso entre crianças e adolescentes. “Nos últimos anos, o número de fumantes caiu no Brasil. Parte disso se deve à proibição da propaganda de cigarros na TV. Se reduzimos esse tipo de publicidade, reduzimos os estímulos para fumar”, exemplifica. Um projeto de lei que proíbe a propaganda para crianças está em tramitação no Congresso Nacional desde março de 2011.



O professor Giacomini se utiliza do mesmo exemplo de Pitas. “Assim como na questão do tabagismo, as ações firmes do governo, a criação de uma legislação específica e a contribuição dos meios de comunicação poderão trazer um cenário melhor para a questão da publicidade infantil”, revela. Mas ele adverte: “Nada substitui a articulação da sociedade, em que a conscientização, a educação, o combate ao consumismo desencorajarão esse marketing antissocial”.





Fo

nte: <http://espaber.uspnet.usp.br/espaber/?materia=um-cardapio-gordo-em-casa-e-na-tv>.

### QUESTÕES ORIENTADORAS PARA LEITURA E DEBATE EM GRUPO

1. Que alimentos você costuma comprar no supermercado?

---



---



---

2. Quais alimentos seu filho/neto mais pedem para comprar? O que você faz e/ou diz?

---



---



---

3. Na hora das refeições é comum a televisão ficar ligada? Quais as razões da situação apontada?

---



---

4. As crianças de sua casa ficam quanto tempo (em média) por dia assistindo a televisão?

---



---

5. Faça uma observação dos dados do gráfico e escreva com suas palavras o que você entendeu.

---



---



### DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO 3:

Como momento de síntese das reflexões coletivas sobre a temática do consumo alimentar em suas várias dimensões, a educadora pode utilizar a música *Comida*, do grupo Titãs, como inspiração para que as educandas escrevam uma crônica ou poesia a partir do título “*Tenho fome e sede de...*”. É importante que antes de passar à atividade, a educadora faça uma chuva de ideias com o título “Você tem fome e sede de que?” para ir criando um ambiente de tranquilidade para que as educandas consigam expressar livremente suas ideias.

Esse momento, anterior à escrita, é fundamental para criar uma atmosfera mais leve, já que estamos atuando com um público que não tem muito contato com a escrita e é estigmatizado socialmente; muitas vezes, inclusive, introjetando a ideia de que não são capazes de lidar com a escrita. Aos poucos, precisamos ir desconstruindo essa visão a partir de exercícios concretos que todas possam participar.

O importante nas atividades de escrita é que as pessoas se expressem independente das dificuldades gramaticais e linguísticas. Para que estimulemos as leituras e escritas com pessoas que tem pouco convívio com estudos mais sistematizados, é preciso que nós, enquanto educadoras, acreditemos que todos têm saberes importantes que precisam ser explicitados em registros. Portanto, os graus de escolaridade não podem ser empecilhos ou impedimentos para que cada participante dê sua contribuição na construção coletiva do conhecimento.

Após a construção da poesia ou crônica pelas participantes, a educadora poderá montar um “Varal de Poesias”, pendurando na sala como lembrança visual da atividade. Também estimula que, nos intervalos, elas possam ler os trabalhos das colegas.

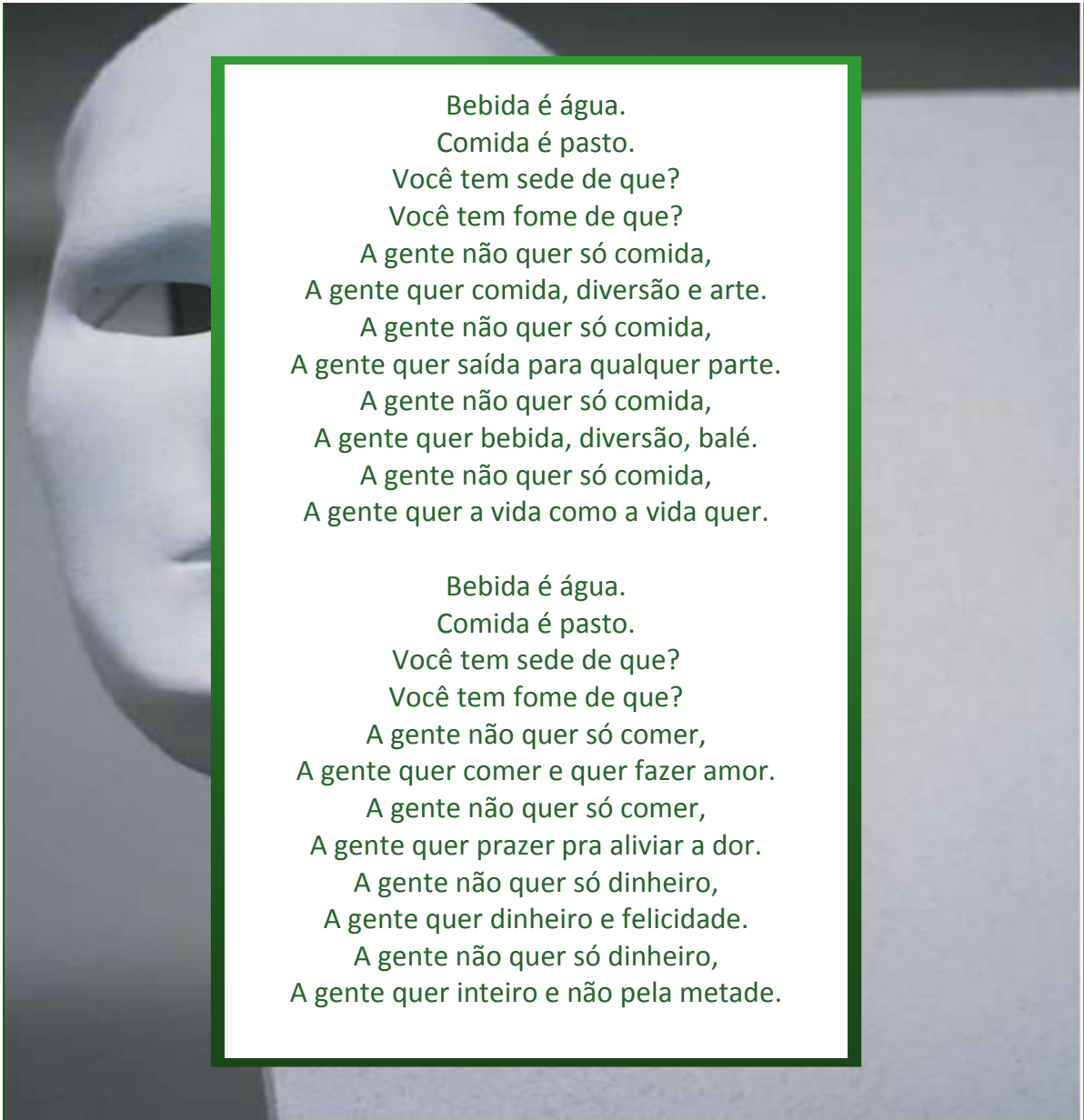
### ATIVIDADE 3:

A seguir, vamos ouvir a música *Comida*, de Titãs e com base nas reflexões provocadas pelos textos e na própria letra da música, podemos organizar nossas ideias a partir do seguinte questionamento: **“Você tem fome e sede de quê?”**



## COMIDA

Titãs - Composição: Amaldo Antunes/ Marcelo Fromer/ Sérgio Britto





## TENHO FOME E SEDE DE .....



---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL: O CASO DA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR

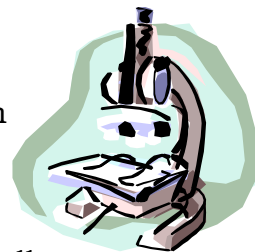
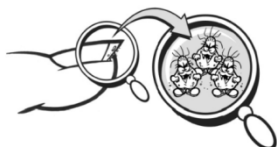
A partir da aprovação da Lei 11.947 em 2009, os agricultores podem vender alimentos para a alimentação escolar. Para os agricultores é uma possibilidade de aumentar a renda familiar, ter o seu trabalho valorizado, estimular formas solidárias de organização da produção e da comercialização e garantir a permanência no campo. Os estudantes, por sua vez, podem ter acesso a uma alimentação diversificada e orgânica respeitando a sazonalidade e a cultura alimentar. Entretanto, não é suficiente plantar alimentos sem agrotóxicos para termos uma alimentação saudável. É importante cuidar também da qualidade sanitária e microbiológica dos alimentos, ou seja, é preciso evitar a deterioração e/ou contaminação dos



alimentos provocada por microorganismos que podem causar diarreias, vômitos, náuseas e levar o indivíduo à morte.

A contaminação pode ocorrer de forma visível (fio de cabelo, pedra, unha, brinco, insetos, etc.) ou invisível ao olho humano (bactérias, fungos, vírus, parasitas, etc.).

Para evitar essas situações alguns cuidados de higiene são importantes na hora de manipular os alimentos. Qualquer pessoa que entra em contato com os alimentos de forma direta ou indireta no serviço de alimentação é chamado de *manipulador de alimento*, portanto deve ter a responsabilidade de entregar, preparar e servir alimentos saudáveis.



O manipulador deve fazer sua **higiene pessoal** cotidiana (tomar banho, escovar os dentes, lavar e secar bem os pés, lavar os cabelos, cortar as unhas, fazer a barba e o bigode, etc.); usar uniforme completo (avental, touca, sapatos fechados, sem adornos como brincos, anéis, correntes e outros) e não espirrar, tossir, mascar chiclete e utilizar celular enquanto manipula os alimentos. E lembrar sempre de lavar bem as mãos após utilização do banheiro!



Os cuidados no **armazenamento dos alimentos** devem ser: colocar os alimentos em estantes e estrados (nunca diretamente no chão), manter portas e janelas com telas, providenciar local sem umidade e com temperaturas adequadas.

**Acondicionamento na geladeira:** alimentos que são servidos crus sempre acima. Não lavar ovos e não usá-los quando a casca estiver rachada.

Com os **utensílios** a limpeza deve ser lavados? imediatamente após o uso com sabão. Não misturar tábuas de vegetais e de carnes. Não esfregar panelas de alumínio com palha de aço. Não usar colheres e panelas de alumínio ao mesmo tempo.

No **preparo dos alimentos:** limpeza diária das bancadas e pisos e quinzenal de tetos, paredes e luminárias. Limpeza anual da caixa d'água. Manutenção dos equipamentos de segurança do trabalho.



**Atenção:** Para maiores informações sobre as Boas Práticas para Serviços de Alimentação pode-se consultar a RDC nº 216/2004, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária.



### Cuidado especial com a higienização dos vegetais:

1. Retirar partes estragadas;
2. Lavar em água corrente, folha por folha;
3. Desinfetar por 15 minutos em solução clorada (1 colher de sopa de água sanitária ou hipoclorito em 1Lt de água);
4. Enxaguar em água corrente;
5. Retirar o excesso de água.



### DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO 4:

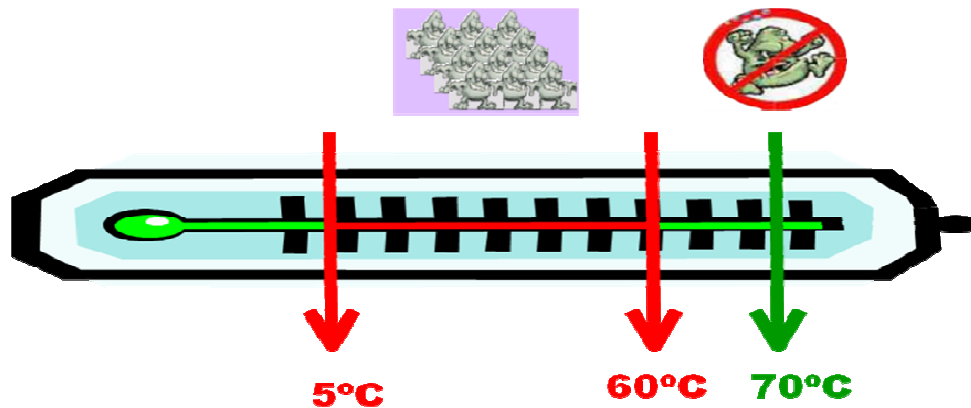
Essa atividade tem como objetivo trabalhar alguns princípios da higiene e manipulação dos alimentos. Isso se faz necessário por dois motivos: para informar às participantes sobre o assunto, já que ainda é de responsabilidade delas, na maior parte das famílias, a tarefa do preparo dos alimentos e; para acessar e participar do Programa de Alimentação Escolar, pois conforme a Lei 11.947/2009 o agricultor pode perder o direito de acessar essa comercialização se as condições higiênico-sanitárias do local de preparo dos alimentos forem inadequadas.

É oportuno ressaltar que não temos a intenção de fazer um curso aprofundado sobre o assunto, mas precisamos garantir alguns cuidados básicos. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), milhões de pessoas adoecem todos os anos em virtude da ingestão de alimentos e água contaminados. Essa ocorrência está relacionada a vários fatores como temperatura, armazenamento, conservação, manipulação, hábitos higiênicos, dentre outros. Os sintomas são dores abdominais, diarreia, náuseas, vômitos e/ou febre e muitas vezes nem são diagnosticados, pois em poucos dias esses sintomas vão desaparecendo, o que provoca uma subnotificação nos serviços de saúde.

A contaminação dos alimentos pode ocorrer através dos manipuladores de alimentos (quem trabalha diretamente – cozinheiro; ou indiretamente – entregador de matérias-primas), utensílios sujos, higienização inadequada do local, equipamentos e utensílios, estoques incorretos (por exemplo, geladeira lotada que não atinge a temperatura, alimentos secos estocados em local com umidade, etc.) e preparação incorreta dos alimentos (por exemplo, descongelamento fora da geladeira, grande tempo de exposição do alimento em temperatura ambiente,



higienização correta dos vegetais, etc.). Os microorganismos que estiverem nos alimentos podem se multiplicar se estiverem em temperatura ambiente (5°C a 60°C), podem morrer quando a temperatura atingir 70°C (quase fervura) e podem não se multiplicar e nem morrer, como se estivessem “hibernando” quando a temperatura for abaixo de 5°C (temperatura de geladeira e refrigerador). Para ilustrar, abaixo segue o termômetro que todo manipulador de alimentos deve conhecer.



Existem mais de 250 tipos de Doenças Transmitidas pelos Alimentos (DTAs) e a maioria são infecções causadas por bactérias e suas toxinas, vírus e parasitas. Os dados epidemiológicos do Ministério da Saúde, de 1999 a 2008, mostram que 45% dos casos de surtos de contaminação de alimentos ocorreram nas residências e que o agente etiológico mais comum é de origem bacteriana. O registro médio é de 665 surtos por ano com 13 mil pessoas doentes. Por isso, costuma-se dizer que as DTAs possuem alta morbidade e baixa mortalidade e letalidade. Ou seja, muitas pessoas são portadores dessas doenças, mas poucas pessoas morrem por essas doenças.

É importante que a educadora estimule as educandas a procurarem maiores informações sobre o assunto (como legislação e cursos nessa área para quem trabalha numa agroindústria familiar rural), junto aos órgãos de extensão rural do município/Estado ou com o Sistema Municipal de Vigilância Sanitária.

Como subsídio para as educadoras, disponibilizamos no CD uma Cartilha de Boas Práticas para os Serviços de Alimentação.

Para estimular a reflexão sobre essa temática, escolhemos 5 imagens que mostram o ambiente de trabalho com alguns erros de manipulação. As participantes irão analisar cada imagem e registrar ao lado quais erros chamam a sua atenção. Ao final, cada educadora irá sistematizar no quadro geral os principais cuidados em relação a higiene do manipulador de alimentos, limpeza, organização e adequação do local de produção e armazenamento dos alimentos.

Na **figura 1** pode-se observar a falta de higiene do cozinheiro (fumando enquanto cozinha, cabelo para fora da touca, pano de prato no ombro); desorganização do local de trabalho (está na mesma bancada de trabalho os alimentos que serão cozidos com as louças sujas); o lixeiro está



transbordando de lixo e cheio de moscas e a porta do banheiro está diretamente ligada à cozinha.

Na **figura 2** pode-se observar que as cozinheiras estão com relógios, sem avental ou com avental inadequado e, possivelmente, conversando sobre os alimentos (podem cair gotículas de saliva no alimento). Também estão num local não apropriado para manipulação de alimentos.

Na **figura 3** podemos notar que a cozinheira não está usando avental, com sapado não apropriado (o correto é um calçado fechado, de borracha e antiderrapante), sem touca para os cabelos, usando brincos e mascarando chiclete. No entanto, a cozinha está muito limpa e organizada.

Na **figura 4** o cozinheiro à esquerda está com uniforme, porém está usando adornos não permitidos como brinco, colar, pulseira e relógio. O seu colega, à direita, está com o uniforme completo (aventil, calça comprida, calçado fechado e touca com os cabelos presos).

Na **figura 5** observamos uma irregularidade muito séria: o acondicionamento do alimento em local e temperatura inapropriados. Os alimentos nunca devem ficar em contato direto com o chão e no caso da carne, sempre em local refrigerado com temperatura abaixo de 5°C. Em caso de descongelamento, este deve ocorrer dentro da geladeira. Mesmo em situações em que o uso será imediato, precisamos conservar os alimentos refrigerados em refrigeração.

#### **ATIVIDADE 4: Observando os cuidados higiênicos...**

Em grupo, observe as figuras e escreva no quadro quais são os erros apresentados e o que deveria ser mudado para garantir uma produção segura de alimentos.

**Figura 1**



---

---

---

---

---



**Figura 2**



---

---

---

---

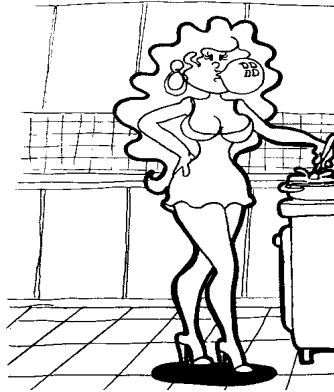
---

---

---

---

**Figura 3**



---

---

---

---

---

---

---

---

**Figura 4**



---

---

---

---

---

---

---

---

**Figura 5**



---

---

---

---

---

---

---

---



Com a orientação da educadora, ao final da atividade deve-se fazer um quadro geral com os principais cuidados em relação a: higiene do manipulador de alimentos, limpeza, organização e adequação do local de produção e armazenamento dos alimentos.

### QUADRO GERAL DAS BOAS PRÁTICAS DE ALIMENTAÇÃO

	COMO DEVE SER
Higiene do manipulador de alimentos	
Local de produção dos alimentos (limpeza, organização e estrutura física)	
Armazenamento dos alimentos	

Somente após serem tomados os cuidados para garantir um alimento de qualidade nutricional através da produção agroecológica e de qualidade sanitária, por meio dos cuidados higiênicos, é que teremos um alimento seguro e saudável que poderá ser consumido pelos estudantes nas escolas.

#### DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO 5:

Na atividade 5, as educadoras deverão retomar as tarefas da primeira oficina. Antes da socialização, é fundamental perguntar ao grupo como foi fazer o trabalho, desde o acesso às informações, o conhecimento sobre os programas institucionais, de que forma a pesquisa possibilitou que as participantes conhecessem melhor a realidade da sua comunidade e/ou de seu município e quais foram as maiores dificuldades encontradas.

O importante desse momento é que as educadoras registrem os dados que aparecerem para analisarmos com o coletivo de educadoras, no final do ano, as questões levantadas.



## **ATIVIDADE 5:**

Neste momento, é oportuno socializarmos com todas as companheiras a tarefa da primeira oficina, trazendo dados da realidade da comunidade/município em relação ao acesso e aos desafios para a implementação dos programas institucionais para que possamos discutir o Programa Nacional de Alimentação Escola - PNAE.

### **QUAIS SÃO OS PASSOS PARA ACESSAR O PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR?**

#### **1º passo: Elaboração do cardápio escolar**

Os cardápios da alimentação escolar deverão ser elaborados pelo nutricionista, utilizando alimentos que respeitem as necessidades nutricionais, a cultura alimentar local, a diversificação agrícola da região e que sejam sustentáveis. Os cardápios deverão oferecer, no mínimo, três porções de frutas e hortaliças por semana. Os responsáveis por essa etapa são os nutricionistas.

O que devem fazer:

Mapear os produtos da agricultura familiar local na Secretaria Municipal de Agricultura, no escritório da Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural local ou nas organizações da agricultura familiar; elaborar cardápios respeitando a cultura alimentar local, a diversidade e sazonalidade da produção da agricultura familiar da região; e informar à Entidade Executora (no caso, são as Secretarias Municipais de Educação/Escolas) a demanda, especificando quais os produtos e a quantidade de cada um.

#### **2º passo: Chamada Pública**

As entidades executoras deverão publicar os editais de aquisição de gêneros alimentícios da Agricultura Familiar e/ou Empreendedor Familiar Rural para alimentação escolar em jornal de circulação local e na forma de mural em local público de ampla circulação e divulgar em seu sítio na internet, caso haja. Se necessário, devem publicar a chamada pública em jornal de circulação regional ou estadual ou nacional, em rádios locais e no sítio eletrônico da Rede Brasil Rural.

O que devem fazer:

Respeitar os princípios da legalidade, impessoalidade, a moralidade, a publicidade e a eficiência (artigo 37 da Constituição Federal); fornecer informações suficientes para que os fornecedores apresentem corretamente os projetos de venda: tipos de produtos, cronograma das entregas (periodicidade, início e fim do fornecimento, entre outros), locais das





entregas e quantidades e ter uma chamada pública que deve sempre visar o interesse público.

**Lembrete:** Os alimentos podem ser adquiridos dispensando o procedimento licitatório nas seguintes circunstâncias:

- 1- impossibilidade de emissão de documento fiscal;
- 2- inviabilidade de fornecimento regular e constante dos alimentos;
- 3- condições higiênico-sanitárias inapropriadas.

### 3º passo: Preços de referência

Os preços de referência devem ser atualizados semestralmente e servirão de parâmetro para os valores dos produtos a serem adquiridos, demonstrando que o gestor pagou preços justos. O responsável por essa etapa é a Entidade Executora.

O que deve fazer:

Informar-se nas Superintendências Estaduais da CONAB, ou nos outros executores do Programa de Aquisição de Alimentos - PAA, sobre os preços de referência praticados pelo programa. Nas localidades em que não houver PAA ou onde os preços de referência estiverem desatualizados, os preços de referência deverão ser calculados com base em critérios definidos a partir do valor gasto no ano para compra da Agricultura Familiar. Salientamos que vale como preço de referência os projetos do PAA do próprio município.

<b>Compras de até R\$ 100.000,00/ano</b>	<b>Compras iguais ou superiores a R\$ 100.000,00/ano</b>
Calcular a média dos preços pagos aos Agricultores Familiares por três mercados varejistas, priorizando a feira do produtor da agricultura familiar; ou os preços praticados no varejo, em pesquisa no mercado local ou regional.	Calcular a média dos preços praticados no mercado atacadista nos últimos 12 meses; ou os preços apurados nas licitações de compras de alimentos realizadas no âmbito da Entidade Executora, desde que estejam em vigor; ou os preços vigentes, apurados em orçamento, de no mínimo três mercados atacadistas locais ou regionais.

### Atenção!

Os produtos da agricultura familiar para alimentação escolar não poderão ter preços inferiores aos pagos pelo Programa de Garantia de Preços para Agricultura Familiar (PGPAF).

### 4º passo: Elaboração do Projeto de Venda dos Alimentos

É o documento que formaliza o interesse dos Agricultores Familiares em vender para a Alimentação Escolar. O Projeto de Venda de gêneros alimentícios da agricultura familiar para a alimentação escolar deverá ser elaborado pelo: grupo formal ou pelo grupo informal (assessorado pela Entidade Articuladora – que pode ser um órgão de assessoria técnica vinculada ao poder público ou às organizações sociais), sempre de acordo com a Chamada Pública. Devem assinar o documento o representante do grupo formal e os agricultores fornecedores do grupo informal. Os



responsáveis por essa etapa: Agricultores Familiares organizados em grupo formal e/ou grupo informal.

### **5º passo: Recebimento de Projeto de venda dos Alimentos**

A entrega do Projeto de Venda deve ser acompanhada da seguinte documentação de habilitação dos fornecedores:

● **grupos informais:** Extrato da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP) de cada agricultor participante, CPF e Projeto de Venda. A DAP pode ser solicitada junto ao órgão de extensão rural ou sindicato rural.

● **grupos formais:** Extrato da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP) jurídica, CNPJ, cópias das certidões negativas junto ao INSS, FGTS, Receita Federal e Dívidas Ativas da União, cópia do estatuto e Projeto de Venda.

Quem recebe os Projetos de Venda dos alimentos é a Entidade Executora.

### **6º passo: Seleção dos Projetos de venda**

A seleção dos projetos de venda será realizada pela Entidade Executora e terão prioridade, nesta ordem, os projetos dos municípios, da região, do território rural, do estado e do país. O limite individual de venda por agricultor familiar é de R\$ 20.000,00 por DAP/ano. Os produtos da agricultura familiar devem atender o que determina a legislação sanitária, que normatiza o registro dos produtos e empreendimentos no Serviço de Inspeção Federal – SIF; no Serviço de Inspeção Estadual – SIE; no Serviço de Inspeção Municipal – SIM; no Serviço de Inspeção Vegetal/MAPA e na Vigilância Sanitária.

### **7º passo: Assinatura do Contrato**

O contrato estabelece o cronograma de entrega dos produtos, a data de pagamento dos agricultores familiares e todas as cláusulas de compra e venda. O contrato de aquisição de gêneros alimentícios da agricultura familiar sem licitação para a alimentação escolar deverá ser assinado pela Entidade Executora, pela cooperativa ou associação (grupo formal) e/ou agricultores familiares (grupo informal).

### **8º passo: Entrega dos produtos**

O início da entrega dos produtos será de acordo com o cronograma previsto no contrato. Quando isso ocorre, o representante da Entidade Executora e do grupo fornecedor deverá assinar o Termo de Recebimento da Agricultura Familiar, além da ciência da Entidade Articuladora, no caso dos grupos informais.

Esse Termo de Recebimento atesta que os produtos entregues estão de acordo com o contrato e com os padrões de qualidade exigidos. Documento fiscal exigido:

- nota do produtor rural (bloco do produtor) ou;
- nota avulsa ou;
- nota fiscal.



## SERVIÇO DE INSPEÇÃO SANITÁRIA DOS ALIMENTOS

Existem, no Brasil, vários serviços de inspeção e de fiscalização da qualidade sanitária dos alimentos. A responsabilidade de atuação de cada um desses serviços de inspeção está definida de acordo com o tipo de matéria prima principal que originam os produtos.

Para o caso dos empreendimentos de produtos de origem vegetal - exceto de bebidas, de vinagre e de embalagem de produtos padronizados (feijão, arroz, amendoim, canjica, farinha, polvilho, sagu, alho e soja) - a responsabilidade pelo controle da qualidade sanitária é da Vigilância Sanitária, ligada aos órgãos de saúde. Sendo que neste caso a maioria dos produtos de origem vegetal é dispensada de registro, mas não de fiscalização, de acordo com a Resolução do Ministério da Saúde nº. 23, de 15/03/2000. Assim, os estabelecimentos de produtos de origem vegetal devem fazer o cadastro antes do início da produção, junto ao órgão de saúde do seu respectivo município, através do preenchimento de um formulário específico.

Os empreendimentos de bebidas, de vinagre e de embalagem de produtos padronizados, devem ser registrados no Serviço de Inspeção Vegetal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA. Com esse registro podem ser comercializadas em todo o território nacional.

Para o caso dos produtos de origem animal tem-se o Serviço de Inspeção Federal – SIF; o Serviço de Inspeção Estadual – SIE; e o Serviço de Inspeção Municipal – SIM, ligados aos Órgãos de Agricultura dos governos federal, estadual e municipal, respectivamente.

No entanto, os empreendimentos de produtos de origem animal registrados no SIM podem comercializar seus produtos apenas no território de seu respectivo município. Os empreendimentos de produtos de origem animal inspecionados pelo SIE podem comercializar seus produtos dentro de seu respectivo Estado. Já os empreendimentos de produtos de origem animal inspecionados pelo SIF podem vender seus produtos em todo o território Nacional.

Atualmente, está sendo implementado um novo sistema de organização dos serviços de inspeção dos produtos de origem animal: o Sistema Unificado de Atenção a Sanidade Agropecuária – SUASA. A partir disso, todos os serviços de inspeção estaduais e municipais (SIE e SIM) poderão solicitar a adesão ao SUASA. Com essa adesão, todos os empreendimentos registrados no SIE ou SIM, poderão comercializar seus produtos em todo o país.

## DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO 6:

Após a exposição dialogada sobre como acessar o Programa de Alimentação Escolar, na atividade 6 faremos um exercício em grupo (4 grupos) de elaboração do Projeto de Venda no qual deverão pensar toda a logística do Programa desde o plantio dos alimentos até a entrega dos mesmos. Ao final, a educadora pode problematizar com as mulheres sobre as principais dificuldades encontradas pelo grupo para que possamos identificar e, ao longo da oficina, retomar os pontos pendentes.

Como mote para atividade, elaboramos um caso fictício que será à base do Estudo de Caso que segue abaixo::

*“O município de Santa Felicidade, no Paraná, tem cerca de 12.000 habitantes. Fica na parte central do Estado, conhecido como território do Cantuquiriguaçu, região muito bonita, com muitas araucárias. A maior parte*



*da população trabalha na agricultura, em pequenas propriedades e bem diversificadas. A produção para o consumo próprio é farta e orgânica. As crianças podem comer cenoura diretamente da horta sem medo de serem intoxicadas e a saúde das famílias vai muito bem!*

*As famílias de agricultores há algum tempo perceberam que sem organização coletiva a vida fica muito difícil e por isso criaram associações e grupos informais. Ficaram danados de contentes quando em 2009, o presidente Lula assinou a lei que garantia a venda dos seus produtos para a alimentação escolar, um sonho antigo que agora se concretizou. Nas roças desses agricultores encontra-se de tudo um pouco: batata doce, mandioca, cebola, alho, mandioquinha, milho verde, inhame, cará, espinafre, brócolis, rúcula, couve, alface, repolho, chicória, temperos, pinhão, morango, laranja, bergamota, ariticum, guariroba, uvaia, pitanga, e muitas outras variedades, de acordo com a estação.*

*A Prefeitura Municipal de Santa Felicidade abriu um edital de chamada pública para comprar os produtos dos agricultores familiares e garantir uma alimentação diversificada e com alimentos frescos para a criançada. Agora, o grupo que está organizado como grupo informal (cerca de 20 famílias) está tendo algumas dificuldades para poder concorrer e acessar o Programa como: elaborar um Projeto de Venda; organizar a produção (já que individualmente ninguém consegue fornecer a quantidade apresentada no edital e é um compromisso garantir a variedade e regularidade da oferta porque durante os 200 dias letivos as crianças precisam receber a alimentação); organizar quem do grupo vai entregar os alimentos e como fará isso.*

*Essas questões precisam ser pensadas pelo grupo para que os agricultores de Santa Felicidade consigam garantir a venda para o Programa de Alimentação Escolar. Vamos ajudá-los?"*

## **ATIVIDADE 6:**

Com a orientação da educadora podemos fazer um trabalho em grupo a partir de um estudo de caso utilizando as tabelas no anexo do caderno e depois podemos socializar os resultados desse trabalho no grande grupo.

*Estudo de caso:*



## O CONTROLE SOCIAL E O PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR



Como fruto de reivindicações dos movimentos sociais organizados, foi garantida na Constituição Federal de 1988 a participação de organizações da sociedade na co-gestão das políticas sociais a partir da criação dos conselhos que são instâncias de negociação e pactuação das propostas institucionais e das demandas da comunidade.

Os conselhos existem nas três esferas governamentais: federal, estadual e municipal, e têm como objetivo possibilitar a participação da sociedade civil organizada para zelar pela utilização dos recursos públicos e democratizar a gestão das políticas públicas.

No caso da alimentação escolar existe o Conselho de Alimentação Escolar (CAE), que é um colegiado deliberativo de acompanhamento e assessoramento às entidades executoras do PNAE nas aplicações dos recursos financeiros transferidos pelo FNDE, ou seja, a aprovação da prestação de contas da alimentação escolar passa pelos conselheiros. Ele é composto por 14 membros (7 titulares e 7 suplentes), distribuídos da seguinte maneira: 1 representante do Poder Executivo, 2 da área da educação, 2 representantes de pais de alunos e 2 representantes de entidades civis. Em caso de comunidades indígenas e quilombolas é garantida a participação de pelo menos 1 representante dessas comunidades.



### DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO 7:

Para o desenvolvimento da atividade 7, a educadora poderá, antes de iniciar o exercício de cálculo de repasse do FNDE para os municípios, trabalhar alguns cálculos a partir do cotidiano das mulheres. Pode-se valer de exemplos como: calcular a quantidade de arroz que a família consome por mês (50g arroz cru/dia/pessoa) ou quantos litros de leite a família gasta por mês ou semana e quanto isso representa na produção de leite da propriedade. Para esses cálculos serão utilizadas as operações matemáticas (adição, subtração, multiplicação e divisão, além da regra de três). É importante buscar ser o mais didático possível e o tempo todo relacionar os cálculos com o nosso cotidiano. Precisamos mostrar para as participantes que elas fazem cálculos matemáticos diariamente como, por exemplo: ao fazer compras no supermercado, escolher a quantidade de comida a ser preparada para o nº de pessoas na família, etc. No entanto, o que não é habitual é utilizar as ferramentas da matemática para fazer esses cálculos, pois normalmente eles são feitos mentalmente. O que nós queremos é que elas se apropriem desses cálculos de forma consciente e compreendam os símbolos da matemática. Ao fazer os exercícios é importante que a educadora lembre-se de fazer a conversão das medidas



com elas (1Lt=1000ml e 1Kg=1000g).

Para os cálculos na oficina tomamos como base o Censo Escolar de 2009 do IBGE o nº de matrículas nos municípios (tabela abaixo). Não consta no censo o nº de escolares da EJA, creche, indígenas e quilombolas e escolares do projeto Mais Educação. Caso seja possível, seria interessante conseguir dados atualizados nas Secretarias de Educação dos municípios.

Para realizar o cálculo é preciso multiplicar o nº de escolares pelo valor repassado per capita e pelos dias letivos (200). O montante é o valor que o FNDE envia, em 10 parcelas, para os municípios. Desse montante, 30% do recurso tem que ser gasto com compras diretamente dos agricultores. O que normalmente ocorre é a complementação de recursos pelos municípios para a alimentação escolar. Nesse caso, não é obrigatório a compra de 30% dos agricultores. É importante ressaltar com as educadoras que é preciso sensibilizar as educandas da necessidade de haver mobilização social e articulação junto aos vereadores municipais para que se aprove uma lei contemplando esse percentual. Portanto, ainda há muita luta a se fazer no âmbito municipal e que a instituição do Programa criou essas possibilidades de efetivação da política pública local.

	Fundamental, Médio e EJA	Creche	Pré-escola	Indígenas e Quilombola	Mais Educação
1. Boa Ventura de São Roque	1.663	-	68	-	-
2. Campina do Simão	1.107	-	155	-	-
3. Candói	4.053	-	220	-	-
4. Goioxim	2.038	-	91	-	-
5. Laranjal	1.978	-	50	-	-
6. Laranjeiras do Sul	7.070	-	627	-	-
7. Marquinho	1.405	-	0	-	-
8. Palmital	3.856	-	117	-	-
9. Pinhão	8.269	-	473	-	-
10. Porto Barreiro	882	-	54	-	-
11. Prudentópolis	10.727	-	480	-	-
12. Quedas do Iguaçu	7.529	-	104	-	-
13. Reserva do Iguaçu	2.190	-	169	-	-
14. Rio Bonito do Iguaçu	4.137	-	348	-	-
15. Turvo	3.786	-	179	-	-



## ATIVIDADE 7:

Os conselhos são importantes espaços de intervenção social com a participação dos trabalhadores na efetivação das políticas públicas. Dessa forma, precisamos conhecer algumas ferramentas que auxiliam a qualificar nossa participação nestes espaços como, por exemplo, a apropriação dos cálculos de repasse do recurso do FNDE para os municípios fazerem a gestão do programa.



Em grupos, podemos fazer alguns exercícios de cálculos tendo como referência nossos próprios municípios. A base para o cálculo é a seguinte: n° de alunos X per capita X 200 dias letivos = recurso FNDE.

	Fundamental, Médio e EJA	Creche	Pré-escola	Indígenas e Quilombola	Mais Educação
Per capita*	R\$ 0,30	R\$ 1,00	R\$ 0,50	R\$ 0,90	R\$ 0,90
N° escolares					


\* Valores atualizados no Diário Oficial da União do dia 15 de maio de 2012.



Para finalizar esse Eixo Temático, ressaltamos que os temas e conteúdos discutidos constituem-se em informações básicas para podermos avançar nas nossas práticas e organização coletiva, mas que requerem uma formação continuada com os grupos a fim de fortalecer e contribuir para o aprimoramento dos mecanismos de operacionalização das políticas públicas, a exemplo do PNAE.

Nesse sentido, no próximo Eixo Temático, Economia Solidária e Organização Coletiva, poderemos nos dedicar à discussão e à construção de ações práticas que se destinem a fortalecer os coletivos das mulheres agricultoras com vistas a participar da construção de um projeto em favor da classe trabalhadora.





# Economia Solidária e Organização Coletiva





## ECONOMIA SOLIDÁRIA E ORGANIZAÇÃO COLETIVA

No eixo temático ECONOMIA SOLIDÁRIA E ORGANIZAÇÃO COLETIVA, daremos continuidade ao debate sobre os princípios desse modelo de economia a partir das realidades dos grupos de mulheres participantes do projeto. Enfatizaremos nesta 2ª oficina a importância de construção de um projeto coletivo pautado na democracia, justiça, igualdade e equidade para o fortalecimento da organização coletiva, nas dimensões política, econômica e social por meio da cooperação e laços de solidariedade da classe trabalhadora.

Nesse sentido, com o objetivo de problematizar a competitividade e o individualismo presentes na sociedade contemporânea, buscamos levantar os desafios e possibilidades da organização de empreendimentos socioeconômicos em outra perspectiva, que valorize os saberes, experiências e anseios das participantes para a construção de uma Rede Solidária de Alimentação na Região do Cantuquiriguaçu e Paraná Centro.

Daí a importância do resgate da identidade da agricultura familiar, que afirma um modo de vida e de produção que tem na família o seu núcleo central. A partir desse núcleo organizam-se a produção, a educação e a vida social, sendo o bem estar das pessoas da família e da comunidade a preocupação principal.

Outra questão fundamental que discutiremos refere-se à organização das trabalhadoras rurais para o controle social e fortalecimento de políticas públicas voltadas à Economia Feminista e Solidária.

### **Materiais a serem abordados:**

- Música: Cio da Terra, de Milton Nascimento e Chico Buarque de Holanda
- Textos:
- Agricultura familiar e o mercado, qual?
- Pela nossa história podemos construir nosso futuro
- Economia solidária: a construção de um outro mundo possível
- Cooperativas, associações e grupos
- Trechos Vida de Grupo, de Madalena Freire.



## TRABALHO E ORGANIZAÇÃO COLETIVA

### DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO 1:

Nesta primeira atividade do eixo Trabalho e Organização Coletiva é o momento de começar a sensibilização das participantes para o trabalho coletivo. A educadora pode pedir que as mulheres leiam a letra de *Cio da Terra* e, em seguida, com os olhos fechados, escutem a música. Após esse momento, poderia ser proposto que cada uma escreva qual o significado da terra para si no caderno de apoio pedagógico e também poderiam escrever em tarjetas e colocar em forma de círculo no meio do grupo para serem lidas coletivamente. É uma forma de trabalhar a aproximação e identidade do grupo, da importância do projeto coletivo e do cuidar do outro.

Caso a educadora ache necessário, pode organizar a sala da oficina com objetos do trabalho.

### ATIVIDADE 1:

A partir da música “Cio da Terra”, que descreve de forma poética o processo de trabalho, podemos realizar um debate em grupo sobre o significado do trabalho na terra para pensarmos sobre as possibilidades de uma Economia Solidária construída pel@s agricultor@s.

### Cio da Terra

(Chico Buarque e Milton Nascimento)



Debulhar o trigo  
Recolher cada bago do trigo  
Forjar no trigo o milagre do pão  
E se fartar de pão

Decepar a cana  
Recolher a garapa da cana  
Roubar da cana a doçura do mel  
Se lambuzar de mel

Afagar a terra  
Conhecer os desejos da terra  
Cio da terra, a propícia estação  
E fecundar o chão



### Chuva de ideias:

- \* Após ouvir a música, que palavras vêm à mente para expressar o significado da terra para nós, agricultoras. Anotar as palavras levantadas no quadro abaixo:

### DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO 2:

A atividade 2 é um momento de estudo e das participantes começarem a discutir a economia solidária e as possibilidades de geração e complementação de renda na perspectiva da valorização social do trabalho feminino. Para isso, foi disponibilizado 4 textos que poderão ser trabalhados em grupos (4 grupos com 1 texto cada) e ao final socializar em cartaz os pontos mais importantes do texto. A educadora poderá organizar um painel com os cartazes.

Após esse momento de aproximação com a temática da economia solidária, a organização coletiva e o protagonismo das mulheres e para integrar com a atividade 3 em que as participantes debaterão a importância do grupo num projeto coletivo, sugerimos que a educadora promova uma atividade a partir da leitura do *Estatuto do Homem (abaixo)* que poderá ser feita tanto pela educadora quanto por uma educanda. O importante é que todos tenham a possibilidade de acompanhar. Assim, é necessário que essa leitura seja feita pausadamente, pois aqueles que não dominam a leitura estarão somente acompanhando através do estímulo auditivo.

Dessa maneira, poderá ser dada a oportunidade para que se façam outras leituras, com outras entonações e ritmos.

#### ESTATUTO DO HOMEM

Thiago de Melo

Artigo 1º	Fica decretado que agora vale a verdade, Que agora vale a vida E que de mãos dadas Trabalharemos todos pela vida verdadeira.
Artigo 2º	Fica decretado que todos os dias da semana, Inclusive as terças-feiras mais cinzentas,



	Têm direito a converter-se em manhãs de domingo	
Artigo 3º	Fica decretado que, a partir desse instante, Haverá girassóis em todas as janelas, Que os girassóis terão direito A abrir-se dentro da sombra E que as janelas devem permanecer o dia inteiro Abertas para o verde onde cresce a esperança.	
Artigo 4º	Fica decretado que o homem Não precisará nunca mais Duvidar do homem. Que o homem confiará no homem Como a palmeira confia no vento, Como o vento confia no ar, Como o ar confia no campo azul do céu.	
§	O homem confiará no homem Como um menino confia em outro menino.	
Artigo 5º	Fica decretado que os homens Estão livres do julgo da mentira. Nunca mais será preciso usar A couraça do silêncio Nem a armadura de palavras O homem se sentará à mesa Com seu olhar limpo Por que a verdade passará a ser servida Antes da sobremesa.	
Artigo 6º	Fica estabelecida, durante dez séculos, A prática sonhada pelo profeta Isaías, E o lobo e o cordeiro pastarão juntos E a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.	
Artigo 7º	Por decreto irrevogável fica estabelecido O reinado permanente da justiça e da claridão, E alegria será uma bandeira generosa Para sempre desfraldada na alma do povo	
Artigo 8º	Fica decretado que a maior dor Sempre foi e será sempre Não poder dar amor a quem se ama Sabendo que é água Que dá à planta o milagre da flor	



Artigo 9º	Fica permitido que o pão de cada dia Tenha no homem o sinal do seu suor. Mas que sobretudo tenha sempre O quente sabor da ternura.
Artigo 10º	Fica permitido a qualquer pessoa, A qualquer hora do dia O uso do traje branco
Artigo 11º	Fica decretado, por definição, Que o homem é um animal que ama E que por isso é belo, Muito mais belo do que a estrela da manhã
Artigo 12º	Decreta-se que nada será obrigado Nem proibido. Tudo será permitido, Sobretudo brincar com os rinocerontes E caminhar pelas tardes, Com uma imensa begônia na lapela.
§	Só uma coisa fica proibida: Amar sem amor.
Artigo 13	Fica decretado que o dinheiro Não poderá nunca mais comprar O sol da manhãs vindouras. Expulso do grande baú do medo, O dinheiro se transformará em uma Espada fraternal Para defender o direito de cantar E a festa do dia que chegou.
Artigo final	Fica proibido o uso da palavra liberdade, A qual será suprimida dos dicionários E do pântano enganoso das bocas A partir deste instante A liberdade será alvo vivo e transparente Como um fogo ou um rio Ou como a semente do trigo, E a sua morada será sempre O coração do homem.

Extraído do livro de Thiago de Mello. Estatutos do homem. São Paulo : Martins Fontes, 1978.



No *Estatuto do Homem* o poeta pretende “decretar” o que não pode ser decretado. Porém a poesia não é feita para ser conferida, é para ser sentida. O que o poeta certamente pretende é estabelecer um objetivo ideal para que, por comparação, possamos perceber o quanto estamos afastados desse ideal.

Após efetuar as leituras iniciais é importante verificar se todos sabem o significado da palavra estatuto. Aqueles que participam de alguma associação ou partido político, poderão dizer o que entendem por estatuto.

Estatuto é um tipo de lei que pode servir para estabelecer regras tanto para uma categoria profissional ou qualquer tipo de associação.

O poema de Thiago de Mello tomou por base o Estatuto do Homem que por sua vez foi baseado na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Esta Declaração foi votada pela primeira vez durante a Revolução Francesa de 1789. Posteriormente, em 1948, todos os países que faziam parte da ONU, inclusive o Brasil, votaram pela adoção da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Estas informações são interessantes para situar o caráter histórico da formação das leis. Às vezes é necessário haver uma revolução para que haja uma modificação profunda nas leis. Outras vezes as mudanças das leis são fruto de acordos.

Pode ser interessante ao grupo que se refaça o poema, colocando nele o que gostaria fosse “decretado”, a partir de seus interesses ou para um empreendimento solidário que pretendem construir. É importante que esse estatuto coletivo seja construído de maneira participativa, de forma que possibilite a discussão dos temas de interesse e a construção de consensos.

Após esse exercício, comparar os dois estatutos. Esta atividade pode ser aproveitada para abrir um debate comparando os dois textos.

Seria interessante ainda verificar se algum desses “decretos” propostos pelos (as) educandos (as) beneficiariam apenas a eles mesmos, beneficiariam apenas a algumas pessoas ou a um coletivo maior. Notar que os “decretos” de Thiago de Mello beneficiam a todos.

Uma outra atividade poderia ser a construção de um estatuto que regulasse a relação entre os membros da sala. Essa seria uma atividade de construção democrática das leis na medida em que as leis valeriam para todos, inclusive para quem as propõe.

Todos poderiam fazer propostas com a aprovação ocorrendo através do voto. Para que ocorra esta votação é necessário estabelecer regras, por exemplo, o artigo será incluído no estatuto só se tiver o voto de todos (por unanimidade) ou bastará à maioria dos votos?

O estatuto poderá, por exemplo, tratar de maneira especial os que eventualmente necessitem de condições especiais, por exemplo, permitindo que as que têm maior dificuldade de leitura sentem-se na frente.

O estatuto poderá tratar de deveres e de direitos. Poderá atribuir sanções a quem desrespeitá-lo. Ao término da composição do estatuto, através da votação de cada artigo, poderá ser feito um referendo para a aprovação do estatuto como um todo.

Uma cópia desse estatuto (em painel) poderá ficar exposta na sala.



## ATIVIDADE 2: Estudos de textos

- \* Durante o momento de estudos dos textos de apoio, para ampliar as reflexões sobre as possibilidades de construção das Redes Solidárias de Alimentação, cada grupo pode escolher um texto e apresentar os debates e os principais pontos destacados pelo grupo para as companheiras dos demais grupos.
- \* Montar um painel com os resultados do trabalho de cada grupo.

### Subsídios para os debates:

#### Texto 1

### AGRICULTURA FAMILIAR E O MERCADO, QUAL?

Um dos maiores desafios da agricultura familiar está na construção de uma nova concepção de mercado, rompendo com a concepção capitalista. Nessa, o mercado é o espaço da realização dos lucros e, pela forma como está implantado, está acima de qualquer controle social.

Pensar um novo mercado significa pensar uma nova visão da produção, adequada às condições e às perspectivas da agricultura familiar, uma nova concepção de distribuição, pensada a partir de processos de intermediação solidária, uma nova concepção de distribuição, uma nova concepção de consumo, o que pressupõe uma nova forma de relação com o espaço urbano, não apenas como comprador de produtos da agricultura familiar, mas de um processo de organização dos consumidores que tenha consciência da estratégia de construção de uma alternativa ao mercado capitalista.

Compreendemos que a relação com o mercado pode ser pensada a partir de bases solidárias, organizando-se processos sociais que articulem na mesma estratégia as diferentes etapas do processo econômico produtivo, ou seja, organizar redes em bases associativas para a produção, para o processamento, para a comercialização, para o consumo, além de estimular e de consolidar os espaços locais e os regionais de comercialização e de abastecimento (feiras, organização de consumidores, redes de comercialização). Para tanto, precisa ser criada uma política pública de apoio a essas iniciativas, como o desenvolvimento de estudos socioeconômicos, disponibilidade de crédito e pesquisa agropecuária. Assim contribuir para estabelecer uma marca dos produtos da agricultura familiar, aproximar as relações entre os produtores e os consumidores, gerando estabilidade e garantia de venda, priorizar a produção de alimentos para ao consumo humano.

Além disso, existem os chamados mercados institucionais como alternativas a serem exploradas. Esses mercados estão relacionados às compras governamentais (nas três esferas de governo) e movimentam volumes elevados de alimentos que são destinados para os programas assistenciais (merenda escolar, alimentos hospitalares, distribuição de cestas básicas, PAA- Programa de Aquisição de Alimentos) como programas de segurança alimentar (estoques reguladores). Todos esses programas permitem uma articulação efetiva entre a produção e a distribuição da produção familiar.

Essa forma de inserção no mercado pode criar novas oportunidades de trabalho e de melhoria de renda à agricultura familiar, pode também, resgatar e



reconstruir a solidariedade social e econômica entre povos, gerações, categorias, grupos sociais, além de possibilitar a constituição de bases políticas para a construção de um projeto de desenvolvimento economicamente viável, socialmente justo, politicamente democrático e participativo, e ambientalmente adequado.

## Texto 2

### PELA NOSSA HISTÓRIA PODEMOS CONSTRUIR NOSSO FUTURO



A agricultura familiar e o campesinato existem e existiram quase sempre na história da humanidade.

Quais foram as bases de sua existência durante tanto tempo?

Não precisamos estudar toda a história da humanidade.

Podemos estudar a história de nossas famílias e nossas comunidades e ver quais os princípios fundamentais de sua sobrevivência e sustentabilidade.

Olhar as experiências de nossas famílias significa perceber onde acertaram e onde erraram em suas opções. Isso pode nos indicar um caminho mais seguro para pensar nossa vida.

Cada opção que se faz hoje tem consequências futuras. Os nossos antepassados também fizeram opções que refletiram no seu futuro e, de certa forma, somos resultado dessas opções.

O capitalismo quer nos convencer que devemos partir exclusivamente do presente e, a partir dele, definir nosso futuro. Para planejar nosso futuro eles nos colocam muitos instrumentos que apontam para seus princípios.

Podemos afirmar que o capitalismo não quer o desaparecimento da agricultura familiar, mas a quer submissa aos seus princípios e aos seus interesses econômicos.

Para o capitalismo, quanto mais moderna a produção, mais eficiente e produtiva. Aplicar insumos e usar equipamentos produzidos pelas empresas e produzir os produtos que eles têm interesse são fatores muito importantes. No entanto, temos que perceber que, quanto mais moderna uma unidade de produção, mais dependente ela se torna. Defendem que temos que nos especializar ao máximo na produção para poder competir. Isso leva à opção por monoculturas.

Para a agricultura familiar o processo deve ser ao inverso. Quanto mais diversificada a produção, menos dependente e submissa é uma unidade de produção.

### MUDAR OS VALORES É ESSENCIAL

O capitalismo, através de sua filosofia que é denominada de liberalismo, quer nos convencer de que devemos ser empreendedores rurais. Também temos que





romper com esse conceito, compreendendo que a vida no campo, como agricultores familiares, assume valores muito diferentes do empreendedorismo. No empreendedorismo os principais valores defendidos são: individualismo, competição, competitividade, eficiência, capacidade de inserção competitiva no mercado, etc. Centra-se no processo de produção, sem olhar para a vida. Prega a especialização e a monocultura como formas de inserção competitiva no mercado.

A agricultura familiar sofreu muitas influências do processo de modernização conservadora (Revolução Verde) que coloca a modernização do processo produtivo da agricultura como único caminho para a sustentabilidade das propriedades. As famílias romperam com sua cultura, assumiram a tecnologia de ponta para produzir, desconsideraram as questões mais elementares da qualidade de vida, tornaram-se dependentes do mercado para quase tudo, com a intenção de melhorar sua vida. No entanto, os últimos quarenta anos mostraram que a modernização serviu para excluir milhares de famílias do campo, jogando-as para a cidade.

Nossos valores devem ser diferentes: solidariedade, cooperação, mútua ajuda produção sem agressão do espaço natural, sem provocar a desestruturação do solo e do ambiente, a construção da máxima autonomia e do conhecimento, os agricultores familiares como sujeitos do desenvolvimento em sua unidade de produção e vida familiar, em suas comunidades, em suas entidades e em seu território. O foco não está na terra como espaço privado, mas como espaço de socialização e cooperação.

### Texto 3

## **ECONOMIA SOLIDÁRIA: A CONSTRUÇÃO DE UM OUTRO MUNDO POSSÍVEL**

A economia solidária é uma outra maneira de produzir e vender sem o individualismo e a exploração entre os homens e mulheres.

Dentre os princípios gerais, temos a valorização social do trabalho humano; a compreensão da atividade econômica como uma forma de satisfazer plenamente as necessidades básicas de tod@s; a cooperação e a solidariedade; a relação respeitosa com a natureza e o reconhecimento do papel das mulheres como fundamental nesse como modelo econômico.

### **Como se organiza a Economia Solidária?**

Existem diversos modelos de empreendimentos solidários (cooperativas, empreendimentos populares auto-geridos, associativismo, etc.)

### **Como criar um empreendimento solidário?**

- Primeiro é preciso ter, pelo menos um grupo de pessoas que solidariamente estejam dispostas e tenham alguns conhecimentos para a produção de algum produto possível de gerar renda;
- É necessário estudar a viabilidade local e regional analisando os equipamentos e espaços disponíveis para verificar o que é necessário para implementar um empreendimento;
- Analisar o impacto do produto na comunidade e na região;



## **As redes solidárias**

Na sociedade em que vivemos, marcada pela concorrência capitalista, sabemos que é muito difícil um empreendimento dessa natureza ser viável isoladamente. Neste sentido, a organização de redes solidárias incorporando diversas experiências populares com finalidades comuns, com modelo de gestão democrático e solidário que possam construir uma identidade nos produtos produzidos, integrado ao desenvolvimento territorial, podem ser um grande avanço social para a comunidade como um todo.

Isto é, as redes podem se constituir a partir de experiências diversas, mas devem caminhar como um projeto comum. Para isso é preciso:

- Ter um estudo de viabilidade, definindo o que se pretende desenvolver e o que há de comum e de diferente entre as experiências, pois é necessário respeitar os diferentes tempos e processos dos sujeitos para a construção coletiva;
- Verificar se há condições dos produtos produzidos terem viabilidade econômica;
- Definir a imagem que se quer associar aos produtos;

Uma das formas mais comuns de empreendimentos populares de Economia Solidária é a organização de cooperativas.

Para formar uma cooperativa é necessário que as pessoas interessadas estejam conscientes do que pretendem, de seu papel como dono e usuário da sociedade. É necessário uma organização coletiva de seus membros (em comitês, conselhos, núcleos ou comissões) para que as decisões sejam relevantes e representativas da vontade da maioria.

### **DEMOCRACIA, PARTICIPAÇÃO E TRANSPARÊNCIA**

Para que haja um processo democrático, participativo e transparente, é necessário que os espaços coletivos se efetivem para assegurar que os associados:

- participem de todas as operações do empreendimento socioeconômico;
- recebam retorno de sobras apuradas;
- examinem livros e documentos;
- convoquem e participem de assembleias;
- recebam esclarecimentos dos Conselhos de Administração e Fiscal;
- opinem e defendam suas ideias;
- proponham ao Conselho de Administração, ou à Assembleia Geral, medidas de interesse do empreendimento socioeconômico;
- votem nas eleições;
- cumpram seus compromissos;
- zelem pela imagem do empreendimento socioeconômico;
- participem do rateio dos ganhos e das perdas.

### **POSSIBILIDADES E DIFICULDADES**

A proposta da economia solidária é fruto de ações e lutas dos trabalhadores ao longo da história. Embora tenha sido popularizado na



década de 1990, por conta de nossa difícil realidade no mundo do trabalho, é preciso que os valores dessa forma de organização socioeconômica sejam compreendidos para que possam ser criados novos empreendimentos nos quais as pessoas sejam de fato sujeitos do processo e colham igualmente os frutos do trabalho coletivo.

Isso requer que aqueles que estejam envolvidos nesse tipo de iniciativa tenham abertura para praticar novos valores e gerir um empreendimento de forma diferente das empresas capitalistas que conhecemos.

Na perspectiva da Economia Solidária, o coletivo exige um grupo forte, comprometido e solidário. Destacamos aqui alguns desafios a serem enfrentados:

- É preciso ter consciência de que a construção de empreendimento é parte de um processo coletivo que, às vezes, não apresenta resultados imediatos;
- Nas relações no interior dos grupos, é necessário respeitar os diferentes conhecimentos e experiências de seus membros a fim de construir estratégias nas quais cada um dê sua contribuição para o projeto maior;
- É preciso adquirir conhecimentos sobre todo o processo de produção e gestão para assegurar a qualidade dos produtos e serviços prestados tendo em vista o reconhecimento social;
- É preciso construir instrumentos que garantam uma gestão democrática, transparente e participativa, reinventando práticas a partir da realidade dos grupos.

#### **Texto 4**

### **COOPERATIVAS, ASSOCIAÇÕES E GRUPOS**

A organização e a cooperação entre agricultores, seja formalizada ou informal, têm sido o melhor caminho para se viabilizar a agricultura familiar. Nesse aspecto, os agricultores têm se unido a partir de objetivos comuns em grupos, associações ou cooperativas. Estas formas organizativas nascem de diferentes necessidades. Articulando-se, associando-se uns aos outros e cooperando são meios para se atingir objetivos socioeconômicos. É uma forma de “os pequenos se tornarem grandes”, mas que também venham a se colocar como elemento estratégico de estruturas econômicas de uma nova sociedade, na qual os produtores da riqueza se apropriem coletivamente desta.

Portanto as cooperativas e associações podem ser importantes ferramentas para se pensar comercializações alternativas. Possibilitam dar economia de escala à produção e, desta forma, conseguir abastecer feiras, pontos de venda, mercados institucionais e outros canais, comercializando com nota fiscal, de forma legalizada. Além do que, possibilita obter um financiamento para a construção e a compra de equipamentos de uma agroindústria, por exemplo.

Resumindo, seguem as características básicas de uma associação e cooperativa, bem como as formas de associativismo:

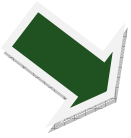


	<b>ASSOCIAÇÃO</b>	<b>COOPERATIVA</b>
<b>Finalidade</b>	Representa e defende os associados. Não tem fins lucrativos	Presta serviços econômicos e sociais aos seus cooperados
<b>Formação</b>	Mínimo 2 pessoas	Mínimo 20 pessoas
<b>Atividade</b>	Promoção de assistência social, educacional, cultural, representação política, defesa de interesses	Realiza atividade comercial: de produção e prestação de serviços
<b>Recursos Financeiros</b>	Taxas pagas pelos associados, não há rateio das sobras	Vindo das atividades realizadas e há rateio das sobras

<b>Associativismo informal</b>	<b>Associativismo Formal</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Grupos de produção solidária</li> <li>● Grupos de ação comunitária</li> <li>● Redes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Associações: comunitárias de produtores, de mulheres, de jovens etc.</li> <li>● Cooperativas: de produção, de crédito, de comercialização, de profissionais autônomos, de consumo etc.</li> </ul>

<b>Associação</b>	<b>Cooperativa</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nome da Entidade</li> <li>• Sede e logomarca</li> <li>• Finalidades e objetivos concretos</li> <li>• Se os associados respondem pelas obrigações da entidade</li> <li>• Atribuições dos órgãos internos (Conselho Fiscal, Conselho Administrativo, Diretoria, Assembleia de Associados)</li> <li>• Quem responde pela entidade</li> <li>• Como se dá a eleição para os cargos nos órgãos internos e o mandato de cada um</li> <li>• Tempo de duração</li> <li>• Como são modificados os Estatutos</li> <li>• Como é dissolvida a entidade Em caso de dissolução, para quem vai o patrimônio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nome, tipo de entidade, sede e foro</li> <li>• O nome da cooperativa não pode ser igual ao de outra já existente e a sede e o foro são o nome do município onde irá funcionar</li> <li>• Área de atuação</li> <li>• Definição do exercício social e do balanço geral</li> <li>• Objetivos sociais</li> <li>• Entrada e saída dos associados</li> <li>• Responsabilidade limitada ou ilimitada dos associados</li> <li>• Formação, distribuição e condições de retirada do capital social</li> <li>• Estrutura diretiva: quem responde juridicamente</li> <li>• Prazo do mandato dos dirigentes, do conselho fiscal e processo de distribuição</li> <li>• Convocação e funcionamento da assembleia geral</li> <li>• Distribuição das sobras e rateio dos prejuízos</li> <li>• Casos e formas de dissolução</li> <li>• Processo de liquidação</li> <li>• Modo e processo de alteração ou oneração dos bens imóveis</li> <li>• Reforma dos estatutos</li> <li>• Destino do patrimônio na dissolução ou liquidação</li> </ul>





A agricultura familiar tem experiência em empreendimentos dessa natureza, tanto de cooperativas como de associações, em áreas da produção, da agroindustrialização, da comercialização e do crédito. Mas são muitos os agricultores – a maioria – que estão atrelados a grandes empresas de integração ou a grandes cooperativas convencionais, onde nas duas, não lhes é permitido participar

das decisões.

Diante disso, pode ser um caminho de crescimento político, de viabilização socioeconômica das famílias agricultoras fazer discussões, analisar o contexto e tomar a iniciativa de criar uma cooperativa de pequeno porte, que construa uma economia sustentável e solidária a partir da afirmação cultural de ter na cooperação entre as pessoas um valor fundamental.



## O importante é...

**Buscar as formas de cooperação mais apropriadas ao contexto das famílias...**

**Sair do individualismo e do isolamento, tornando possível a comercialização dos produtos da agricultura familiar em sua diversidade, sem a intermediação de atravessadores e empresas que não valorizam o trabalho dos agricultores...**

A união dos empreendimentos familiares em associações ou articulações, formais ou informais, pode contribuir, entre outras coisas, para:

- Realizar estudos de viabilidade econômico-financeira e técnica;
- Captar recursos de projetos;
- Trocar informações e capacitar para o processamento, a qualidade e a padronização dos produtos;
- Compartilhar infraestrutura em feiras, exposições/eventos e armazenagem de produtos;
- Buscar conjuntamente suporte técnico, orientação e pesquisa com convênios e parceiras com órgãos do estado como universidades e institutos de pesquisa públicos;
- Ampliar o conhecimento de técnicas de planejamento e gestão;
- Buscar estratégias coletivas de acesso a crédito para capital de giro e inovação tecnológica, marketing e divulgação conjuntos;



- Ter uma marca ou selo social;
- Melhorar e ter força junto a certos fornecedores de insumos para obter preços mais baixos (a exemplo de vidros e embalagens, que pesam no custo e preço final dos produtos);
- Ter economia de escala na comercialização e relação com empresas;
- Operar uma estratégia de logística comum na distribuição dos produtos aos vários locais onde estão os consumidores;
- Organizar e articular para influenciar e propor políticas públicas e mudanças nas legislações que afetam o setor.

### ATIVIDADE 3:

Em grupos, seria fundamental discutir a importância do grupo e a construção coletiva de um projeto. Para isso propomos como questão orientadora inicial:

- \* Na opinião do grupo, o que é preciso ter para se construir um projeto?

Como um projeto é algo coletivo, poderíamos também ler o trecho abaixo para contribuir nas reflexões em torno dos desafios de construção de um grupo.

#### **GRUPO É ... GRUPO**

A cada encontro: imprevisível.

A cada interrupção da rotina: algo inusitado.

A cada elemento novo: surpresas.

A cada elemento já parecidamente conhecido: aspectos desconhecidos.

A cada encontro: um novo desafio, mesmo que supostamente já vivido.

A cada tempo: novo parto, novo compromisso fazendo história.

A cada conflito: rompimento do estabelecido para a construção da mudança.

A cada emoção: faceta insuspeitável.

A cada encontro: descobrimentos de terras ainda não desbravadas...

Grupo é grupo...

Continuando nosso trabalho sobre a construção de um Projeto de Redes Solidárias de Alimentação, em grupo e com a orientação da educadora, podemos discutir e sistematizar no quadro abaixo:



<b>O QUE QUEREMOS?</b>	
<b>O QUE TEMOS?</b>	
<b>O QUE PRECISAMOS?</b>	

### **A CONSTRUÇÃO DO GRUPO**

*Um grupo se constrói através da constância da presença de seus elementos na constância da rotina e de suas atividades.*

*Um grupo se constrói na organização sistematizada de encaminhamentos, (...)*  
*Um grupo se constrói no espaço heterogêneo das diferenças entre cada participante: - da timidez de um, do afobamento do outro; da serenidade de um, da explosão do outro; do pânico velado de um, da sensatez do outro; da seriedade desconfiada de um, da ousadia do risco do outro; da mudez de um, da tagarelice de outro; do riso fechado de um, da gargalhada debochada do outro; dos olhos miúdos de um, dos olhos esbugalhados do outro; de lividez do rosto de um, do encarnado do rosto do outro.*

*Um grupo se constrói enfrentando o medo que o diferente, o novo provoca, educando o risco de ousar.*

*Um grupo se constrói não na água estagnada do abafamento das explosões, dos conflitos (...)*

### **DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO 4:**

O exercício de dramatização sobre uma **situação-problema** vivenciado pelas educandas na cooperativa de produção de panificados proposto na atividade 4 estimula a reflexão sobre as relações de solidariedade ou não estabelecidas no local de trabalho e desafia o grupo a pensar formas coletivas de resolução do problema.

Pode-se sugerir algo do tipo: "Todos trabalham numa cooperativa de panificados. Surge um boato (ainda não é oficializado) que uma parte das trabalhadoras acredita que seu trabalho vale mais que a das outras e algumas mudanças são propostas como... **(O grupo constrói o enredo e desfecho da história).**

Após a dramatização, é importante que a educadora abra o debate com toda a turma sobre os elementos que ganharam maior significado (registrar) a partir das práticas simuladas. Refletir em seguida o que tais elementos possibilitam discutir: sobre a solidariedade e o individualismo, as relações de gênero, a equidade etc. É importante trabalhar as contradições presentes.



O tema da solidariedade nos impõe um grande desafio, pois vivemos num momento em que predominam, a partir da lógica do mercado, os discursos da realização / satisfação das pessoas baseados na competição e em valores individualistas. Se contrapor a tal lógica requer recuperar a história de lutas da classe trabalhadora com o objetivo de politizar a ação coletiva a partir dos interesses da classe trabalhadora quanto à melhoria das condições de vida, da emancipação econômica, política e social.

É importante debater e refletir sobre as contradições que são ocultadas pelos discursos da solidariedade e as perspectivas que a turma levanta, procurando explicitar a diferença entre o discurso da solidariedade (que muitas vezes confunde-se com o mero assistencialismo, visto do ponto de vista individual) e as práticas sociais solidárias numa perspectiva coletiva.

Para fechar esse momento de reflexões, propõe-se a leitura coletiva de um trecho do texto “Vida de Grupo”, de Madalena Freire.

## ATIVIDADE 4: Dramatização



**Tema:** “UM DIA DE TRABALHO NUMA COOPERATIVA DE PRODUÇÃO DE PANIFICADO”



**Desafio:** O grupo deve contar uma história por meio de uma dramatização sobre os principais desafios ou problemas que um grupo pode encontrar no cotidiano de trabalho em uma cooperativa de produção de panificados e como estes podem ser superados.

Após a dramatização de cada grupo, é importante sistematizar os principais desafios levantados e as alternativas construídas.

### VIDA DE GRUPO

Vida de grupo tem:

Alegria, riso aberto, contentamento, fôlia, concentração.

Medo, dor, choro, conflito, perdição, desequilíbrio, hipótese falsa, pânico.

Entendimento, diferenças, desentendimentos, briga, busca, conforto.

Silêncios, fala escondida, berro, fala oca, grito, fala mansa.

Generosidade, escuta, olhar atento, pedido de colo.

Ódio, decepção, raiva, recusa, desilusão.

Amor, bem querer, gratidão, afago, gesto amigo de oferta.

No grupo corremos riscos para conhecer o outro e a si mesmo, aprendemos a assumir o que pensamos, o que falamos e o que fazemos.

Busca a construção de um sonho, no dia-a-dia, junto com os outros, a paixão de conhecer, aprender, ensinar e educar.

Fonte: Vida de Grupo, de Madalena Freire





## DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO 5:

A atividade 5 é o momento de síntese do eixo “Economia Solidária e Organização Coletiva” e da 2ª oficina. Por isso, é importante que a educadora identifique como as educandas percebem sua atuação nos espaços coletivos e quais são as necessidades para qualificar essa participação. Esse dado de realidade servirá como base para as futuras ações junto às mulheres e como uma importante ferramenta para o fortalecimento dos sindicatos e dos movimentos sociais, criando condições materiais, potencializando a participação e o protagonismo das mulheres nas suas organizações.

### ATIVIDADE 5:

Para finalizar esse Eixo Temático, todo o grupo poderia apontar ações concretas de como avançar numa perspectiva mais coletiva e organizada, as formas de participação e quais espaços que cada participante pode se inserir ou potencializar uma participação mais efetiva:

<b>Espaços</b>	<b>Formas de participação</b>	<b>Necessidades para qualificar a participação</b>
Sindicato		
Associação, Grupo de Mulheres etc.		
Conselhos Municipais (por exemplo, o CAE)		

